HERMINIO DE CASTELLO BRANCO

A LYRA SERTANEJA

POESIAS

5.ª EDIÇÃO

CEARÁ—FORTALEZA
Editores: — MILITÃO BIVAR & C.ª
74, Rua Major Facundo—Rua d'Assembléa, 37

1905

Ingenium cui sit, cui meus divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.

HORACIO. I, SATYR. VERS. 40.

Satisfação ao Leitor

PUBLICO, pela quinta vez, o meu livrinho de poesias bucólicas, se assim pode se qualificar a collecção de versos, que tendes ante os vossos olhos.

Entendi que lhe é mais apropriado o titulo que leva esta edição, porque exprime elle o unico merito, que, por ventura, possa ter este arremêdo litterario, despretencioso e humilde.

AOS ECHOS DO CORAÇÃO publicados no Piauhy, em 1881, juntei outras muitas poesias que produzi depois d'isso, corregindo e ampliando aquellas, que me pareceram defeituosas.

D'est'arte, agora, dedico este livrinho aos Sertanejos do Norte de minha Patria, como saudosa recordação dos dias felizes, que entre elles passei. Se, na opinião auctorisada dos Criticos Illustrados, commetto um crime audacioso, tenho certesa de ser absolvido no Egregio Tribunal dos canoros Cisnes Cearenses, pela humildade do meu pobre trabalho.

E se alguem, alheio aos costumes dos nossos sertanejos, estranhar a linguagem do matuto, com que vão escriptas quasi todas estas poesias, eu rogo, que, antes de firmar juizo critico sobre o meu livrinho, viage pelos sertões d'esta Provincia, da do Maranhão e Piauhy, para julgar, com justiça e criterio, do que vae escripto.

Demais, nunca tive, e nem tenho, pretenções a litterato. Não sou plagiario: se nada vale este trabalho, resta-me a satisfação, ao menos, de affirmar que é só meu.

O Auctor.

O Vaqueiro do Piauhy

Eu sou rude sertanejo :
Só fallo a lingua das selvas
Onde impera a natureza.
Não sei fazer epopéas,
Não entendo de poemas,
Nem choromingo pobreza.

Não canto glorias da Patria,
Nem os feitos dos heróes,
Nem os perdidos amores ;
Nem sei s'o mundo s'alonga
Além das raias que vejo
N'estas campinas de flores.

Porém quero, em tosca phrase,
Com singela liberdade,
Sem floreios, nem mentira,
Entoar selvagem canto,
Inspirado na viola,
Em vez de dourada lyra.

E quem não for sertanejo,
E queira comprehender
A belleza d'expressão,
Consulte diccionarios
Da lingua chã, verdadeira,
Do homem cá do sertão.

. . . .

Era no mez da mutuca:
Fins d'aguas vinhão chegando,
Quando o gado sae da matta
Na carreira, esc'ramuçando.
Se derão estas façanhas,
Qu'eu, por aqui, vou contando.

N'esse tempo dos prazeres
Do diligente vaqueiro,
Quando ferra suas sortes,
Caso parta no chiqueiro;
E se o dono da fazenda
Não é sujeito estradeiro.

Avizei a vaqueirama
Toda d'aquellas beradas,
Para me dar uma ajuda
De campo, nas vaquejadas.
Entre nós, estes convites,
São d'allianças sagradas.

Tudo ficou prevenido
Para um dia—terça-feira—
Pois a segunda é das almas,
Nunca foi de brincadeira....
Não se deve campiar
Nenhuma rez de bicheira.

Entretanto já fazião
Quinze dias de pegados
Meus cavallos das infucas,
Finos, selleiros, delgados.
E os melhores animaes
Erão todos baptisados:

Passarinho, correntesa,
Pensamento, tropelão,
O nata, o gato, o curisco,
O viado, o gavião,
Erão cavallos de gado,
De pisar—do pé p'ra mao!

Estavão de rêgo aberto,
De peito e anca tambem!
Pois n'elles, desde Janeiro,
Que não sungava ninguem.
Arrenego do vaqueiro,
Qu'estes cuidados não tem.

Remexendo o suador
De minha sella-ginete,
Escanchei-a na varanda,
Em cima d'um cavallete,
Pois, eu cá, não quero arreios,
Que só me sirvão d'enfeite.

Encebei loros, rabicho,
Peitoral e cabeçadas,
E o cabresto de tranças,
De fortes tiras grosadas,
Garupas de capoeiro,
Bem feitas, bem acabadas.

Xarel de couro de gato
Com cabello, bem curtido;
Bacalháo de relho crú,
Com trez palmos de comprido;
Bacalháo de dar resposta
Nas apás d'um atrevido.

O meu liforme macio,
Por mim mesmo pispontado,
Ainda em folhas s'achava
N'um ganchinho pendurado;
E só p'ra estas folias
O tinha eu reservado.

Assim na vespera do dia
Que s'havia combinado,
Riscou tudo em minha porta
Quanto eu tinha convidado!
Cavallaria de fama,
Cada qual mais arreiado!

Os vaqueiros, a um tempo,
Com a devida attenção,
Disseram-me: «Deus vos guarde!
Como vae a obrigação?»
Vamos indo, Deus vos pague...
P'ra servir a meu patrão.

Vamicês se desapeiem...
Meu compadre Bastião...
Pendure alli os arreios,
N'aquelle chifre—o gibão—
Seu Zé Bento, seu Reimundo,
S'abanquem n'este surrão.

O Bastião da Josepha,
Com seu Cularo da Rita,
S'arrumem p'r'aquelle canto,
Mais o João da Benedita,
Tudo assim, batendo o chifre,
Fica a coisa mais bonita.

Depois que se arrumaram,
E dos cavallos peiados,
Armaram suas tipoias
Nos lugares destinados.
Vae conversa, vem conversa,
Todos contentes, folgados.

Apenas anoitecendo,
Puchei um couro de gado
Para fora, no terreiro
Bem varrido, e asseiado,
P'ra nelle botar a ceia,
Qu'eu já tinha preparado.

Fui buscar, logo nas buchas,
A panella de coalhada;
A farinha n'uma cuia,
No espeto—a carne assada—
Venham vindo s'arrastando!
—Gritei a rapaziada—

Cada qual, com sua faca,
De coc'ras junto a panella,
Foi tirando com a cuia,
Que servia de tijella,
E despejando a farinha
Na coalhada, dentro d'ella.

Misturando a carne assada,
Gorda, frescal e cheirosa,
Todos ficaram contentes
Com a ceia apetitosa.
Nem no Céu nunca se vio
Comida tão saborosa!

E logo se levantando
Para o—Bem-Dito-Louvado—
Acabando de resarem,
Nem me disserão—obrigado—!
Saindo tudo do couro
Como bizerro engeitado!

Cada um, no seu fiango,
Deitou-se com liberdade,
E se travou a conversa
Com a maior amisade,
Sem tozar-se a vida alheia,
Como se faz na cidade.

—Então, compadre Reimundo,
Teve boa a parição!
—Nem por isso, meu compadre:
O anno não foi bom, não.
Disse, coçando a cabeça,
O velho Estevo Riachão.

—Neste artigo, na verdade,
(Falla o Reimundo Xerem)
Aqui, por estas quebradas,
Não pode rir-se ninguem!
Entendo, que a politica
Empesta o gado tambem!

—O que me diz, seu Zé Bento?
Vamicê qu'é mais corrido...
—Eu tambem vou por ahi:
O gado está corrompido!
Bem faço eu, camarada:
Não quero ter mais partido.

—E esta! Vancê não sabe
(Salta o Cularo da Rita)
Da nova lei que botaram?!
Diz que não nos *imbilita*
Para votar com os brancos,
Caboclo não s'acredita!

—Pela parte que me toca
(Não fallo com presumpção)
Lhe digo—na fé de Deus:
Leve o diabo eleição.
Disse, tomando tabaco,
O compadre Bastião.

—Deixemos cá d'estas coisas:
Nós não somos *deputado*.
A conversa do vaqueiro
E' só por cima do gado.
Rosna o João da Benedita,
Assim um tanto zangado.

—Pois, antonce, eu vou dizer
Que vi hontem, na chapada,
Uma vacca de su'ama
Já-pa-pari, amojada...
—Dê-me os signaes do diabo
D'essa rez amucambada!

—E' fusca, bem azeitona;
Sedêm branco, cirigada;
Arma um tanto á pinheiro;
Dos pés trazeiros calçada;
Tem uma garrota lisa,
Qu'inda não foi carimbada.

Signal—levada por cima;
Ponta troncha—a *differencia*...
—Então não é de minh'ama:
E' da filha *Quelemencia*.
A veia assigna por baixo:
Tenha santa paciencia!

—Já teve novas da egoa,
Que se sumiu em Janeiro?
—Não senhor: desde esse tempo
Que não tive mais roteiro...
—Pois na semana passada,
Vi ella, no «Taboleiro».

—Como vae essa maldita?
Está parida ou solteira?
—Tem uma poldrinha *femea*,
Castanh'escura, fronteira...
—E' damnada a besta veia!
Ah! diabo parideira!

—Seu Estevo, não tem visto,
P'r'as bandas do «Mulatinho»,
Um garrote ponta-limpa,
Do ferro de seu Chiquinho;
Liso, de boa sahida,
D'um chifre carombosinho?

—Seu Reimundo, eu tenho visto,
Agora, no mutuqueiro,
Esse cujo sobredito,
No gado do «Limoeiro».
Elle não sae p'ra malhada,
Pois é diabo matreiro!

—Compadre, vi a biscaia
De sua fia, parida,
Lá no «Morro-do-Chapéo»...
Pasta na «Varge-Comprida».
Deu cria d'um poldro macho,
E a mãi está bem nutrida.

—Lhe fico muito obrigado,
Meu compadre José Bento;
Mas a besta da menina
Caminhava com jumento!
Nós burros, nunca teremos...
Isto é p'r'o rico avarento.

—E lá no «Sacco-da-Braba»
Não sae um boi alvação,
Estrelo do rabo branco,
Espaço das *armação*?
Boi-vacca, mas boi erado,
Boi de boa arrobação...

—Cularo, já muito tempo
Qu'eu não vejo este malvado!
Tava botando a perder
Uma maloca de gado.
Nunca pude ver o ferro
Do tal boi infuleimado!

—Dizem qu'elle tem caborge,
Que o Saricongo botou...
—Que caborge! E' só porque
Ainda não s'encontrou
Co'o anun do «Genipapo»,
E um cabra como eu sou.

—Tá bom, gente, o Marciana
Já principia a brotar...
Vamos drumi um bocado;
E quando as barras *quebrar*,
Nós já deve estar montado
Antes do dia *ralhar*.

Isto dito, levantei-me
De riba do *peitori*:
Boas noites, meus senhores,
De cabo-á-rabo por qui.
—Vancê com Deus amanheça
No somno que vai *dromi*.

. . . .

Quando o galo amiudou,
E os bizerros berraram;
Os marroás, nas malhadas,
Muito longe gaitiaram,
Eu meti os pés da rêde,
E os vaqueiros s'accordaram.

Fumos buscar os cavallos
Na baixada do pieiro;
E cada qual passou a sella
No seu ginete primeiro.
Mas eu, cabeça-de-campo,
Me fiquei por derradeiro.

De perneiras já calçadas,
Antes de ralhar o dia,
Levei toda a vaqueirama
P'r'o curral da vaccaria,
Tomar leite com farinha
Que de almoço servia.

E voltando aos callos veios,
Depois da pança servida,
Pulando em riba da sella,
Ginetiando á sahida,
De gibão a tira-colo,
Fumos de rota batida.

. . . .

Era no «Sacco-da-Braba»
O campo d'aquelle dia,
Onde tinha gado arisco,
E velhaco, que corria;
Mas, tangido da mutuca,
Tudo da matta sahia!

Cheguemos lá inda cedo.
Escolhemos posição,
Distante do batedor,
Encoberta n'um capão.
Em cima do capim verde
Estendemos o gibão.

Nem sellas, nem cabeções
Dos cavallos se tirou;
Mas com a peia da rédia
Cada cabra o seu *piou*,
E na ponta do cabresto,
Por cautella segurou.

Sobr'o gibão assentados,
Alli ninguem conversava,
Se reparando, sómente,
Cad'uma rez que chegava,
Qu'abotoando da matta,
P'r'o batedor choteava.

A vacca vinha gemendo,
E o bizerro berrando;
O touro trocendo moitas,
Aqui, alli gaitiando,
Botando terra no lombo
Soberbo, desafiando!

A hora d'almoço-brabo
Já tudo tinha chegado!
Mas de duzentas cabeças,
Assim por cima *contado*.
Não dava rodeiador
Essa malhada de gado!

. . . .

« E' tempo, rapaziada!
Vistão as mangas do gibão.
Nós temos arranco grosso:
Não é caçuada, não! »
Disse, metendo a bregeira,
O meu compadre Bastião.

Como cabeça-de-campo,
Fui logo determinando.
E já todos de cavallo,
Com attenção m'escutando,
Eu, metendo o barbicacho
Do chapéo, fui-lhes fallando:

Quatro toma por alli;
Outros quatro por cu lá.
Vocês, da banda da matta,
Não deixem gado passar.
O resto pode vir vindo
Comigo, aqui de vagar.

Quando o gado nos sentio,
Foi querendo estrebuchar;
Mas o cordão se feixou,
Não tinha p'ra onde inchar.
Gritemos: u!... ou!... tem mão!
Nada nos poude espirrar!

Depois que tudo fez mó,
E ficou acommodado,
Eu disse: agora podemos
Abalar com este gado;
Mas, porém, d'alli da matta,
Precisa muito cuidado.

Seu Zé Bento e seu Reimundo,
São as duas cabeceiras;
Seu Estevo, mas seu João,
Tomem conta das esteiras.
Eu sou guia: e o restante
Faça coice e costaneiras.

Vão fallando—no macio—
Olhe o boi-vacca fubá,
Que tem feito muito cabra
Botar fóra o patoá.
Se pender p'ra minha banda,
Quero vêr p'ra quanto dá.

. . . .

Quando estremeceu-se o gado
Das arelhas da malhada,
Foi vêr, que nem maribondo
Quando cae n'uma boiada!

Pregou-se pernas aos calos,
E sahio cinza e poeira!
Foi um trovão de Janeiro,
Que abala a terra inteira!

« Fasta, boi endemoniado!...
« Vacca veia infuleimada!...
« Vai p'ra lá, garrote doido!...
« Joga o gado p'ra chapada!

« Olhe o garrote no fundo!...
« Senhor João da Benedita!...
« Seu Cularo, o que é que faz,
« Que não aboia, nem grita?!...

« Bata o chicote na sella...
« Aperte mais d'a-cu-lá...
« Tome o barbatão na frente!
« Sacuda o gado p'ra cá ».

E assim, com toda bocca,
A vaqueirama gritava,
E meu cavallo tropelão
Na guia gineteava.

E, tendo a barba no peito,
Mordia o freio *escumando*,
Fugindo a terra dos pés,
Ond'elle estava pisando!

N'este tanto, ouvi um grito:
—Mate o boi-vacca fubá—!
E ouço o boi dos caborges
No meu fundo *trovejá!*

Estendendo o tapity,
Endireitou a carreira;
Passou nas cambras do freio,
Entre mim, e o cabeceira.

Suspendi o calo veio
Por baixo, co'a ferramenta,
E deixei a trança cair
Aonde a vareja attenta.

Aqui o calo afinou
Como corda de quandú,
Com poucas espaetadas,
Foi roendo o mucumbú!

Compadre, faça parede,
Qu'eu quero *tarrafiá*,
Quero vêr, agora, a fama
D'este boi-vacca fubá!

Mas era bicho damnado
De talento no mocotó!
Pois quando eu fazia-mão,
Pegava no vento só!

Frechando a matta direito,
Que distante não ficava,
Podia se plantar milho
Aonde o tal boi pisava!

Mas, cahindo na madeira,
Trocada de mororó,
O tropelão escanchou-se,
Pisando no mocotó!

—Morra o boi-vacca, compadre!
Grita o compadre Reimundo,
Que eu pensava ter ficado,
Vinha entupindo no fundo!

Soltei dois echos no bicho,
Em riba, escarrapachado,
E descemos n'um boqueirão,
Fedendo a chifre queimado!

Porém, me negaciando
O calo, n'um brocotó,
Só por artes do diabo,
Enganchei-me n'um cipó.

O meu compadre Reimundo,
Quebrou, por fóra, o cavallo;
Mas, eu, me desembrulhando,
Não tardei muito alcançal-o.

E fui logo encommendando,
Como quem quer duvidar:
—Mate este boi, meu compadre—
Ou arrede—vou passar—.

Subimos de morro á riba,
Quando fumos descambando,
Era mesmo que se ouvir
Um tabocal se queimando!

O boi-vacca, atormentado,
Tudo nos peitos levava,
Com meu compadre nos quartos,
E eu no fundo, socava.

No saltar d'um riachinho,
O bicho fracatiou :
Foi de ventas, foi de ventas,
Adiante s'escornou !

Ahi, saltamos no chão;
Amarramos o diabo,
Cortando a ponta dos chifres,
Mais o sedenho do rabo.

E depois, pelo aceiro,
De choto, e *galopiando*,
Fumos riscar nos vaqueiros
Qu'estavão fóra, gritando.

O gado tinhão debaixo
De forte rodeiador,
E um novilho na cava,
Sem achar espancador !

Mas meu compadre Reimundo,
Que é cabra *morroeiro*,
Foi saltando do cavallo,
E pegando no pereiro.

Tirou a bainha fóra,
Descascou todo o ferrão,
Picando o marroá veio
Da venta, até no pae-João !

Desaçoando o novilho,
Meteu-se logo no gado,
Passando cada vaqueiro
P'ra seu lugar destinado.

E, de novo, se abalou
O gadão da vaquejada,
No rumo de minha casa,
Meia legua, bem puchada.

Porém com geito tocando
O gado devagarzinho,
Deixando fazer cordão
Direito, pelo caminho,

P'ra descançar os cavallos,
Não correr sem precisão,
P'ra no chegar da porteira
Botar-se gado no chão.

Fumos indo, fumos indo,
Fallando atraz, *adiente*,
O gado foi moderando,
Tomando a falla da gente.

Subindo n'uma *levada*,
Qu'era o pateo da fazenda,
Lá enxerguei minha veia,
Sentada, fazendo renda.

Estava mais as visinhas,
Já co'os oios na estrada,
Já se pisando no lombo,
Para vèr a vaquejada.

. . . .

Portei nas rédeas, então,
Do cavallo tropelão;
Dei uma tacada em vão,
Sómente p'ra esquentar;
O calo, s'atravessando,
Na frente ginetiando,
As moças me namorando,
Pedindo p'r'eu derrubar.

Bata o chicote na sella,
Qu'as mué tão na janella!
Quero ver quem tem canella!
—Gritei aos cabras de gado—
Aperte o coice, a esteira,
E afroche a cabiceira...
Deixe espirrar na carreira,
O novilho cirigado!

Quando a boca mal feixou,
O marroá espirrou;
No meu rumo indireitou,
Desmanchando os caracoes;

E como d'aqui p'ra-li,
Tarrafiei o tapity,
Dei mucica, e sacudi,
Deixei bater mocotós!

Cada qual, mais presumpçoso,
No limpo pateo espaçoso,
Mais se mostrou corajoso,
No derribar—mais ligeiro.
De longe, nos applaudindo,
Batendo palmas, sorrindo,
S'ouvião moças pedindo
A Deus, um noivo vaqueiro.

E depois do estropicio,
Já se tendo morto o vicio,
No curral do beneficio
Recolheu-se a vaquejada.
E, na mais doce harmonia,
Revendo as glorias do dia,
Com a devida cortezia,
Despediu-se a vaqueirada.

. . . .

Ja disse, que de poemas
Não entendo. Que lembrança!
Nunca passou-me no *caco*
Amores sem esperança...

Mas, em versos mal rimados,
Sem cadencia, estropeados
Nos sertões onde nasci:
Na viola *temperada*,
Cantei a gloria passada
Dos campos do Piauhy.

Debaixo d'um Cryoliseiro

Sendo este mundo um theatro;
A vida, um drama cruel,
Onde cada qual, a gosto,
Representa seu papel,
Eu quero, com liberdade,
Descrever esta verdade :

Ha homens que causão dó !
Em dura e fria calçada,
Alta noite de luar,
Na porta da namorada,
Abre o peito, o coração,
Tocando o seu violão.

Este em salões ornados
De meigas, gentis donzellas,
No compasso da orchestra,
Gosta de walsar com ellas...
Nada : sou papel-queimado,
Sempre vou *taboquiado*.

Aquelle mais democrata,
Na rua do Barrocão,
Ouvindo tocar viola,
Salta dentro do baião.
As vezes por desenfado,
Tambem requebro um chorado.

Outro na casa do *corra*,
Onde se perde a rasão,
Passa a noite em sobresaltos
Escorregando em *sabão*.
E pede um gosto na *primeira*,
Ficando na quebradeira.

Assim é, que, cada um,
Com inteira liberdade,
Escolhe o que mais lh'agrada,
A seu gosto, a sua vontade.
Nem faço aqui allusões,
Nem tomo satisfações.

Mas esboçado deixando
O quadro que fui pintando
Sem arte, vida, nem cor,
Vou tambem dizer meu gosto,
Embora não ache encosto
Na opinião do leitor.

. . . .

Quando dorme o mundo inteiro
No regaço feiticeiro
Da serena madrugada,
Eu gosto quando disperto
A tempo marcado, e certo,
De fazer minha caçada.

Faço pendente d'um lado
Meu facão bem afiado,
A patrona e polvarinho;
A clavina a tira-colo,
Cuja bala attinge ao polo,
Que nos fica mais visinho!

Assim prompto, e preparado,
Partindo, desassombrado,
No rumo que me convem,
Sou guiado pelo tino,
Qu'adquiri em menino,
Que todo mundo não tem.

E n'estas mattas frondosas,
Onde as palmeiras annosas,
Mostram dos Ceus o caminho,
Qual um gentio amestrado,
Subtil, sagaz, abaixado
Vou penetrando sosinho.

Eu gosto a todo momento,
Do susto qu'experimento
Como activo caçador :
Penso, ás vezes, ter ouvido
Do canguçú o ruido,
No voar do beija-flor!

E mais, e mais m'embrenhando,
Attento os olhos fitando
Em torno de mim, ligeiros,
Subo morros despenhados;
Desço baixões intrincados,
Onde sestão capoeiros.

Pairo, escuto, interrogando,
Comigo proprio fallando,
Em silencio, intimamente :
Tacteio o cinto—o facão—
Aperto a arma na mão,
E prosigo novamente.

Eis que vejo se erguendo,
Pesadas azas batendo,
Agudos gritos soltando,
Ir o jacú—verdadeiro
Pousar em páo altaneiro,
De galho em galho saltando.

Já co'arma engatilhada,
Pairo com a vista fitada
No angico portentoso,
Notando o jacú firmado
No ramo mais elevado
D'este tronco magestoso.

Na firme convicção
Da certeza e precisão
Do turio, aponto sorrindo;
E, com estampido forte,
Arremeço o raio—a morte—
Que os ares vão ferindo.

Dos projectis trespassado
O pobre animal, coitado,
De galho, em galho batendo,
Moribundo, sem firmesa,
Lá vem, com toda prestesa,
Em zig-zags descendo.

N'este momento abrazado,
D'enthusiasmo tocado,
E de praser delirante,
Da clavina, sem rival,
Terror de todo animal,
Beijo a bocca fumegante.

Pelo echo do estampido,
Que vae sendo repetido
Pelas serras e baixões,
Agil viado, saltando,
Accelerado, soprando,
S'esconde nos boqueirões.

Entretanto qu'o queixada,
Se reunindo a manada,
Debaixo do palmeiral,
Forte quadrado formando,
Batendo os dentes, roncando,
Se occulta no tabocal.

E o tigre, que sagaz,
Vae chegando por detraz
Do caititú descuidado
Ouvindo o tiro s'espanta,
Alta corcunda levanta,
Com o dorso negro irriçado.

Deixando escapar a presa,
Esta corre, com destresa,
De morro ábaixo gritando;
E elle, por entre a matta,
De vagar, lambendo a pata,
Vae tambem s'acautelando.

Então me sinto orgulhoso,
Mais que um rei poderoso
—Absoluto Sultão—
Tenho por sceptro clavina,
E por c'roa purpurina
A floresta do sertão.

Os animaes numerosos,
Submissos e medrosos,
São todos vassallos meus!
Quem mais feliz cá na terra?
E quem mais poder encerra?
A'cima de mim—só Deus!

. . . .

Tendo a arma carregado
Atraz d'um tronco abaixado,
Co'o facão desembainhado,
Olhando a ponta aguçada,
Com lentos passos, ovante,
Cauteloso sigo avante,
Entre a matta verdejante,
No trilho d'uma picada.

Até, que, já fatigado,
Tendo morto e pendurado,
De cada especie tirado
Um grande e gordo animal,

Na sombra da gamelleira,
N'uma cama de palmeira,
Vou deitar-me junto a beira
De fresco manancial:

Ahi é que o caçador
(Se muito boçal não for)
Adorando ao Creador
Do Ceu, da terra, do dia,
Admira a natureza,
Obra de tanta grandeza,
De tanta graça e belleza,
Que embriaga, qu'extasia!

Vejo n'um ramo pendente,
O passarinho contente,
S'embalando docemente,
Sobre os ovinhos deitado;
Mais ábaixo, em oco galho,
Vejo o symb'lo do trabalho,
De seu secreto agasalho
Sair, entrando apressado.

Aqui noto a gamelleira
Abraçada co'arueira,
Em alliança fagueira
Contra o forte furacão;

Alli, já semi-cahido,
Velho tronco carcomido,
Recostado, enfraquecido,
Nos pulsos de seu irmão.

Além, um gigante erguido,
Entre os demais distinguido,
Por se achar revestido
De bellas flores douradas,
Que dos ramos se desprendem,
E pela matta s'estendem,
Deixando aonde se rendem
Estrellas d'ouro espalhadas.

Qual serpente desmarcada,
Espiralmente enroscada,
A cauda tendo enterrada
No tronco da cajazeira,
Noto o cipó caprichoso,
Formar no cimo viçoso
Caramanchão gracioso,
Que faz sombra hospitaleira.

. . . .

E me sentindo enlevado
N'esse todo aprimorado,
Contemplando extasiado,
O saber Omnipotente,

Me embriago nos olores,
Que se desprendem das flores,
Sem que pense em meus amores,
Durmo, e sonho docemente.

S. Gonçallo nos Sertões

A quatro leguas distantes,
Se ouvindo em toda parte,
O troar do bacamarte
Disperta os habitantes.
Não se fez nenhum convite;
Mas todos se admitte
Como sendo convidados:
Pois as festas dos sertões
Não são farças dos salões
De etiquetas enfesados.

Cada um se preparando
Da melhor forma, que pode,
Dentro do surrão de bode
A roupa vae arrumando.
As mulheres, apressadas,
Com as saias encarnadas,
De babados e franzidos,
Alegres pelos caminhos,
Se juntando aos visinhos,
Vão na frente dos maridos.

De grupo em grupo formados
Se nota, de quando em quando,
Muitas familias chegando
Aos arraiaes festejados!
Em geral, são conhecidos,
Amigos extremecidos,
Compadres, quasi parentes.
Com abraços e palmadas,
Estrepitosas risadas,
Se comprimentão contentes.

Junto a casa de morada
Do juiz, pobre, modesta,
Vê-se a casinha da festa
A's orações destinada.
E no terreiro explainado,
Limpo, varrido, asseiado,
Onde s'accende a fogueira,
Immenso mastro s'eleva,
E de longe se observa
Tremular branca bandeira.

De um lado, grande latada
De palmeiras construida,
Em derredor guarnecida
De muito simples bancada.
Não se vê os aparatos,

Fastidiosos ornatos
De corêtos da cidade;
Mas se nota a singelesa,
A verdadeira grandesa,
Do culto da Divindade.

No int'rior da Igreja,
Qu'a chupana representa,
Brilhante altar se ostenta,
Embora tão pobre seja!
Sobre elle collocado
Se vê o santo, enfeitado
De mil flores naturaes,
E garrafinhas bonitas,
Com muitos laços de fitas,
Servindo de castiçaes.

Parallelos as paredes,
Sobre o terreno fincados,
Singelos arcos formados
De grossas tabocas verdes.
De fio, e cêra amarella,
Com graça, geito e cautela,
Accesos rolos sustentão,
Dispostos com symetria,
Produzem luz, qu'allumia
Onde as mulheres s'assentão.

Com bolos, doces, bananas
Entrelaçados com arte,
Tem, alli, um arco a parte,
No terreiro da cabana.
Deve ser arrematado
Depois do terço resado,
S'annunciando em leilão;
E d'elle a somma apurada
Será p'r'o Santo applicada
Na futura festa, então.

Do bacamarte o troar
Que rebombando, desacta,
Annuncia a hora exacta
Do terço principiar.
De mulheres tão somente,
Vê-se a casa inteiramente
Replecta n'aquella hora:
Pois os homens, respeitosos,
Discretos e cautelosos,
Ficão do lado de fóra.

D'entre as velhas, no começo
Das novenas nomeada,
Que passa por mais *letrada*,
Vae uma tirar o terço.
E de joelhos no chão,

Com profunda devoção,
Resa adiante primeiro,
Melhor de que certos padres,
Bispos, conegos e frades,
Qu'isto fazem—por dinheiro—.

O resto de toda gente,
Baixo-profundo fazendo,
Com a velha vai dizendo
O que ella diz, justamente.
Não se ouve symphonia
Nem formão doce harmonia
Essas vozes do sertão;
Mas as preces fervorosas,
Aos Ceus vão pressurosas
Nas azas do coração.

Causando na terra abalo
Grandes tiros espaçados,
São estes acompanhados
—Por vivas a Sam Gonçallo—
E quando a resa se finda,
A velha, cantando ainda,
Se aproxima do altar,
E todos fazendo coro,
Com devoção e decoro,
Aos Santos pés vão beijar.

A ceremonia acabada,
Com respeito e alegria,
Se conduz em romaria
O Santo á sua morada.
Voltando o povo, contente,
Para a festa, novamente,
No espaçoso terreiro,
Dos velhos, o mais esperto,
E' acclamado, de certo,
P'ra servir de leiloeiro.

Este, ufano, junto ao arco,
Que se tem d'arrematar,
Segurando um ramo verde,
Para a fortuna chamar,
Recebe o primeiro lance,
Começando assim gritar:

« Duas patacas e meia,
« Por este arco sagrado!
« Quem mais der—chegue-s'á mim
« Emquanto estou destinado.
« E' p'r'o Santo *Sam* Gonçallo,
« Ninguem deve ser poupado.

« Os fiados me dão penas,
« E penas me dão cuidado,
« Quero vêr trincar o cobre,

« Não devo vender fiado,
« Com calotes cá não venhão,
« Que o juiz fica zangado ».

—Duas e doze lhe dou,
(Diz um matuto roceiro)
P'ra mode o Chico Pitomba,
Não comer bolos primeiro.
« Duas e doze ! Valeu ! »
Grita o velho leiloeïro.

E no correr do leilão,
Com pilérias semelhantes,
Se ouvem muitas risadas
Dos alegres circumstantes.
Nem se faz ostentação,
Nem desfeitas humilhantes.

« Cinco patacas e quatro
« Pelo arco !... E' do senhor ;
« O ramo na mão lhe meto,
« Sem pena, pesar nem dor ;
« A'fora a penca maior.
« Que é do velho gritador. »

Isto feito, os tocadores,
As violas afinando,

Nos bancos vão s'assentando
Com dois ou tres cantadores.
Não pense a gente da praça,
Que as violas, com graça,
E com mestria tocadas,
São os barulhos formados
Por instrumentos soprados,
Das bandas desafinádas.

E não julguem, por engano,
Que do mato os cantadores
São os mesmos guinchadores
Que s'assentão ao piano.
Não, leitor: grandes talentos
Se vê robustos, portentos,
Nos pobres ignorantes,
Que, na linguagem rasteira,
Cantão toda a noite, inteira,
Com improvisos constantes!

Principiando o *baião*,
Ou mesmo o bello *chorado*,
Sob a latada tocado,
Tudo dança na funcção.
Ao som da castanheta,
A matutinha espreita
O namorado dançar,
Com o peito palpitante,

Deseja, ardente, o instante
Qu'elle lhe venha tirar.

E este, sapatiando
No compaço do baião,
Atira, com perfeição,
A castanhola estalando.
E a moça preferida
Se mostra desentendida,
Se conservando sentada;
Mas o rapaz, persistindo,
Outro *tiro* disferindo,
Faz ella vir acanhada.

Assim, successivamente,
De dois em dois, vão sahindo,
Entre pilérias sorrindo,
Todos danção geralmente.
Não se nota a impostura,
Que na cidade s'atura
Nos bailes de etiquetas:
Lá não se passa taboca,
Nem se vê do *primo Joca*,
As ciumentas caretas.

Junto as violas sentados,
De hombro co'os tocadores,

Estão os dois cantadores
Dos lugares, afamados.
E, alternativamente,
Vão cantando, justamente,
Ao som dos instrumentos;
Fazendo do derradeiro
Verso do companheiro,
Gerar novos pensamentos.

Em torno d'elles s'agrupão
Mulheres, velhos, crianças,
Que não gostando das danças,
Aos cantadores escutão.
Estes enthusiasmados,
Por serem apreciados
Como brilho do festim,
Entre palmas e risadas
Pelos ouvintes rasgadas,
Começão cantar assim :

—Senhoras me *dê* licença,
Licença me queirão dar,
Licença para eu dizer,
Licença p'ra eu *lovar*.

—Licença para lovar
Debaixo *do* mancidão :
Lovemos todos de casa,
E os de fóra, da fonção.

—Lovo a casa de morada,
Caxorro, porco e galinha,
E a juiza da festa,
Qu'escondeu-se na cusinha.

—Estando lá na cusinha,
Mode coisa que já vem,
Trazendo a branca p'ra nós
Tomarmos quatro *vintem*.»

E a juiza apparece
Com a garrafa surtida;
E da coité de medida,
De cujuba, não s'esquece.
E ambos os cantadores,
Em paga dos seus louvores,
Recebem a brazileira:
Pois nos sertões se regeita
Toda bebida, qu'é feita
N'essas terras *estrangeira*.

—Deus lhe pague, sá juiza,
(Diz um dos dois cantadores)
Deus lhe dê filicidade
Nos braços de seus amores.

—Nos braços de seus amores,
Nas horas de Deus—amem—

Deus lhe dê tanto dinheiro,
Que chegue p'ra mim tambem.

—Mas agora, camarada,
O que tem a tal cachaça,
Que s'engolindo p'ra baixo
Asóbe cuma fumaça ?!

—Que sóbe cuma fumaça
Eu não posso t'explicar...
Me parece que tu queres
Commigo desafiar!
Pois indireita a carreira,
Qu'eu te quero derribar.

—Que me queres derribar!...
Só tomo por brincadeira:
Eu sou tronco de angico,
Miolo de arueira,
E andava no teu piso
Cuma onça comedeira.

—Cuma onça comedeira
Tu não me faças traição:
Sae a peito descoberto,
Qu'eu sou cabra d'adevão.
Por qualquer meia pataca
Faço tulha de christão!

—Por qualquer meia pataca
Fazes tulha de christão!
Pego no pé de tua alma
Jogo na boca do cão.
Eu mato por brincadeira,
Sem raiva, sem precisão.

—Com macca, alforges, surrão
Tu fazes cabra correr;
Mas bode macho—duvido—
Cabra *femea*—pode ser—
Valentão, qu'olha p'ra mim,
Sente a ceroula descer.

—Pegão-se dois touros veios,
Fica o pateo todo em pó!
Quero ver cuma se actão
Dois curiscos n'um páo só!
Um subindo, outro descendo,
Jogando lasca em *redó*.

—Jogando lasca em redó,
Cavando fojo no chão,
Quando s'encontra um damnado
Com a propria damnação,
Sendo bons, ambos e dois,
Morrem co'as armas na mão.

—Mas eu já te considero
Como trahira na lama,
Como caitatú na toca,
Como doente na cama.
Antes qu'o dia amanheça,
Juro, que perdes a fama.

—Eu ainda estando morto
De trez dias enterrado,
Ouvindo tocar viola,
E vendo o baião formado,
Arranco lá dos infernos
Fedendo á chifre queimado.

—Mato cem d'um ponta-pé,
Duzentos d'um empurrão,
Trezentos d'um cocorote,
Seiscentos d'um pescoção.
Carrega em riba de mim,
Vem morrer sem confissão.»

. . . .

E assim continuando
No desafio travado,
E no baião pontiado,
A noite vae se passando.
Corre muito diligente
A juiza, assás contente,

Com a garrafa na mão,
Aqui, alli off'recendo,
Dando o exemplo—bebendo—
E animando a fonção.

Mas ella, qu'é amestrada
Nas regras de dividir,
Não entrega á quem pedir
A vasilha desejada.
Com graça, sem offender,
Serve a todos, sem fazer
A mais leve distincção!
Cá na cidade, porém,
Só os grandes passão bem
Entre as galas do salão.

. . . .

E quando os raios dourados
Do astro rei fulguroso,
Lá no meu sertão saudoso
Purpurisão lindos prados;
E quando o tigre procura
A sombra da matta escura,
S'acautelando do dia;
E quando a rouxa nambú,
Na touceira de bambú,
Agudo canto assovia;

A patativa canora,
Dos ramos da pitombeira,
Trinando, voa ligeira
Ao encontro da aurora;
E nos ócos do páo-rouxo
S'occulta nocturno môxo,
Que chamamos—curujão—
Em fim, quando a natureza
Ostenta maior belleza,
Que só se vê no sertão.

Naquella hora o café,
Com rapadura adoçado,
E' por todos esperado
Na tijella, ou na coité.
Na peneira de taboca
Os bijús de tapióca,
E macacheiras gostosas,
Sem cerimonia s'off'recê
Ao povo que apparece,
Como *iscas* saborosas.

Sobr'um banco, ajaezado,
Afflictos gritos soltando,
O cevado, estribuchando,
Morre de faca sangrado.
Aqui se nota os leitões,
Gordas gallinhas, capões,

Destinados ao jantar;
Alli s'atea a fogueira
A mercê da cusinheira,
Que não pode descançar.

Já fermentado, e cheiroso,
Grande pote, mais alem,
No frio bojo contem
Fresco aluá saboroso.
E entretanto a fonção,
Subindo d'animação,
Pela moral presidida,
Entre o delirio da dança,
Que sobrevém a festança,
Toma mais vulto, mais vida.

Na corrente execução
Dos instrumentos tocados,
Inda nos bancos, sentados,
Os violeiros estão.
E se vê, sob a latada,
A poeira levantada
Pelos pés dos dançadores;
Mais aferrados, jocosos,
Se disputão, calorosos,
Ainda os dois cantadores :

—Sou vara de mororó,
Que verga, mas não facheia;

Sou coração de páo-ferro,
Que quebra, mas não brandeia.
D'uma vez, te desengana,
Meu nariz de nó-de-peia.

—Amigo Reimundo Dias,
Eu não sou de brincadeira!
Pareço com marroá
Quando refuga a porteira:
Pela perna não me vencem,
Pelas armas—é asneira—

—Não m'atires com pistola,
Qu'eu sou mestre de *negaça*;
Se tu és o quebra-cuia,
Eu sou o quebra-cabaça.
Sou mesmo que onça *trigue*:
Eu corro pela fumaça.

—Nunca vi couro de alma,
Nem rasto de *lôbisome*...
Sou cascavel de varêda·
Onde pico—urubú come—
Sou raio, fogo, curisco
Onde não tem San *Jirome*.

—Tu és a cascavel veia;
Eu sou a *cascavelinha:*

—Onde boto minha presa
Não tem cura nem mesinha;
Nem oração de vigario,
Nem feitiço de cusinha.

—Eu subo em serra de fogo
Com pracata de algodão;
Desço na ponta das *nuves*
Com dez curiscos na mão,
Catingando, cuma enxofre,
No estouro de um trovão.

—Isto tudo não é nada,
Não acho ser valentias...
Eu monto nos canguçús
P'ra vaquejar as cutias;
Passando a sella na êma,
Esquipo quarenta dias.

—Quand'eu venho preparado,
Com destino, p'ra fonção,
Porco-espim é meu cavallo,
Surucucú—cinturão—
E meu chapéo da cabeça,
Maribondo de surrão.

—Gente boa me tem dito
Qu'eu não cante com canalha:

Se um, ou dois dão p'ra sella,
O resto só—p'ra cangalha—
Caboclo é gente safada,
E' regra que nunca falha ».

. . . .

Então vê-se alli chegar
O juiz, ao meio dia,
Que satisfeito annuncia
Ser a hora do jantar.
As violas emmudecem;
As moças se entristecem;
Os cantadores se calão;
Só as velhas rabugentas,
Contra as moças, ciumentas,
Baixo rosnão, quando falão.

Sob a latada estendidas
Se deitão alvas toalhas,
Sobre as esteiras de palhas,
Com arte mui bem tecidas.
Depois dos pratos, talheres,
Que conduzem as mulheres,
O juiz traz as panellas,
Provando aos *convidados*,
Que petiscos reservados
Não ficaram dentro d'ellas.

E é da festa a usança,
Antiga praxe seguida,

Se pôr a mesa servida,
No logar onde se dança.
Não se nota as phantasias
De profusas iguarias
Dos banquetes da cidade;
Porém os gordos assados,
No espeto temperados,
Se come com mais vontade.

Alli não ha presidente,
Que s'assente á cabeceira,
Porque todos, na esteira,
Tomão lugar geralmente.
São iguaes os convidados :
Nem ha talheres contados,
Como vejo na cidade!
Alli não ha *cirimonha*,
Nem motivo de vergonha
No gozo da liberdade.

Se serve do que deseja
O conviva, livremente,
Não se limita tal gente
Ao prato, que perto esteja.
« O' comadre Mariquinha!
« P'ra cá m'enxote a gallinha,
« Qu'eu ainda não mordi...
« Surrei aquelle capão,

« Já mastiguei um leitão,
« Mas gallinha não comi ».

Assim se pede na mesa,
Ou jantares nas esteiras.
Ninguem repara as maneiras
De pedir, com singelesa.
A tal de civilidade,
Imiga da liberdade,
Não se pode intrometter;
Mas s'observa a decencia,
E a precisa prudencia,
Nas regras—do bem comer—.

Os brindes alli erguidos
Pelos matutos, roceiros,
São sinceros, verdadeiros,
Do fundo d'alma nascidos.
Diversos dos floriados,
Que s'off'rece aos deputados
No remate de eleição,
Que, no banquete da praça,
O interesse desfarça,
Com a mais vil adulação.

« A saude da comadre,
« E de toda sua gente,

« Para que sempre contente
« Seja a vida do compadre ».
E este, correspondendo,
Nova saude fazendo
Com a *branca-brazileira*,
Na linguagem do sertão,
Deixa ver no coração
Amisade verdadeira.

Depois de findo o serviço
De carne, arroz e farinha,
Vem chegando da cusinha
A panella de chouriço.
E' sobre-mesa excellente,
Doce, que, estando quente,
Mais provoca o apetite!
Melhor que os taes pudins
Dos palacios nos festins,
Que nos produzem *gastrite*.

E depois de se servirem,
Replectos inteiramente,
Dão Graças ao Deus Clemente
Antes da mesa sairem.
Este culto a Divindade,
Quem foi que vio na cidade
Os de casacas renderem?
Se levantão das cadeiras,

Como se fossem toupeiras,
Depois de muito comerem!

. . . .

No occaso o rei do dia,
Obliquamente dardeja
Os raios, com que corteja
As montanhas, qu'allumia.
E a cauã agoureira,
Sobr'o cimo da arueira
Com triste canto atormenta:
Pois annuncia aos festeiros
Os momentos derradeiros
Do prazer, que s'afugenta.

E então, se despedindo
Dos juizes da fonção,
Com pesar no coração,
Agrupados vão saindo.
Lança dos olhos faceiros
Os olhares feiticeiros,
De saudade trespassada,
A moreninha formosa,
Pela sorte caprichosa
Do amante separada.

. . . .

Lá na mätta verdejante,
Por onde cruza a estrada,
Se ouve ainda a *toada*
Dos cantadores, distante,
Que se despedem, saudosos,
Assim dizendo adiante:

« Adeus, adeus—vou m'embora!
« Até p'r'o anno que vem...
« Meu peito saudades tem,
« Meu coração triste chora...
« Adeus, morena faceira!
« Adeus, adeus—vou m'embora».

Canto do Desterrado

Qual é o ente que longe
Do torrão onde nasceu,
Desterrado no estranho,
Não se recorda do seu?!
A distancia é impotente
Para quem saudades sente.

Tenho saudades dos bosques,
Das brenhas virgens, sombrias,
Dos tabocáes intrincados,
Entre as vertentes mais frias.
Dos campos tenho saudade,
Ond'eu brincava de tarde.

Tenho saudades das fontes,
Dos olhos-d'aguas vitaes,
Das lagôas pittorescas,
Das cascatas naturaes;
E da sombra hospitaleira
Da soberba gamelleira.

Tenho saudades das noites,
Em que passei atilado,
Sobr'os ramos de páo-d'arco,
Suavemente embalado.
Sob um luar prazenteiro,
Esperando o «capoeiro».

Tenho saudades do ronco
Do tigre do «Tambory» ;
E do queixoso carpido
Da queixosa jurity.
Tenho saudades, tambem,
Do vigilante *quem-quem*.

Dos mondés tenho saudades
Nas verêdas dos tatús,
E dos laços que armava
Para colher as nambús.
Tenho saudosa memoria
Do cantar da ciricoria.

Tenho saudades do grito
Retumbante d'acauã,
Sobr'o «Atalho-do-Mõrro»
Pousada pela manhã.
E da funeria *risada*
Da «mãe-da-lua», chamada.

E da timida raposa
Da «Chapada-das-Mangueiras»,
E dos velozes caititús
Das mattas das «Cabeceiras»,
E do macaco ladrão
Das roças do «Batalhão».

Emfim, eu tenho saudades
De todo o meu Piauhy:
Prefiro enterrar-me lá,
A' ser immortal aqui.
E confio em Deus bondoso
De ser ainda ditoso.

Recordações de Viagem

Caro leitor! Algum dia
Viajaste nos sertões
Do meu bello Piauhy?
Tiveste, acaso, a fortuna,
Sem pagem que te guiasse,
Perdido andar por alli?

De certo que sim. Pois bem:
Vou dizer-te o que comigo
Em viagem se passou;
Promettendo, fielmente,
Não m'afastar da verdade,
Como habituado estou.

Em magro e velho sendeiro,
Lerdo, pesado e choteiro,
Eu sahi, sem companheiro,
Com destino a Jaicós;

Massado da montaria,
E do calor que fazia,
Tendo dado meio-dia,
Fui descançar nos «Mocós»,

De novo a tarde partindo,
No caminho proseguindo,
Por este sertão tão infindo
O meu cavallo appliquei;
No transpôr d'uma picada
Se bifurcou a estrada,
E, tomando na errada,
Me perdi—como não sei—!

E tantas voltas fui dando,
Tantas verêdas trilhando,
Qu'atordoado ficando,
Galopei sem direcção;
Já quasi desesperado,
Tendo o sendeiro cançado,
Fui ter em certo roçado,
Com casa d'habitação.

Era a chupana alludida
De palmeiras construida,
Entre a mandióa mettida,
Cercada de mamoneiras,

Tendo, sómente, um quartinho
Bem feito, bem tapadinho,
Qu'alli servia de ninho,
Com duas portas de esteiras.

Mas, se o mundo nefando,
Aonde o homem rolando,
Amargos dias passando,
Vae cair na sepultura,
Podér, ainda, encontrar
Um venturoso lugar,
Onde se possa abrigar
Dos golpes da desventura;

E' alli, alli, sómente:
Porque aurora ridente,
D'um'alma triste, descrente,
Espanca as sombras da vida;
Alli a negra ambição,
E a torpe adulação,
Que se vê no cortezão,
Jamais encontrão guarida...

Porém, leitor, desviei-me
Do assumpto e narração!
Peço desculpa. Perdôas?
Não foi por gosto—perdão—
Foi não sei o que senti,
Que fez-me abusar de ti.

Mas agora te prometto,
Com toda sinceridade,
Pôr de parte a podridão
Dos costumes da cidade,
E, tornando a *cacca-fria*,
Prosigo no que dizia:

E chegando no terreiro
Da chupana, fui parando.
Segundo a praxe da roça:
—O' da casa!—fui gritando—
« Ou de fóra... Cas-tou-eu »
Uma voz me respondeu.

Agachado pela porta
Acanhada, da casinha,
Apparece o dono d'esta,
Que rude figura tinha.
Porém, com ar prasenteiro,
Chegou até no terreiro.

Com a pelle bronziada,
Os cabellos irriçados,
Vestia grosso algodão,
Mãos e pés mui calejados.
Calçado de alpargata
Era o nosso democrata.

Vi o symb'lo do trabalho!
A robustez esculpida,
Em cuja fronte se lia
Inteira paz, doce vida!
E a cabeça coçando,
Elle assim foi me fallando:

« Bom dia p'ra vamicê...
« Ainda que mal prigunto:
« D'onde vem sá senhoria?
« E para onde se bota?
« Não desapeia, patrão?
« A casinha nos cabia...»

Lhe respondi: obrigado,
Já é tarde, quasi noite,
E eu ouço trovejar.
Desejo ir adiante:
Na fazenda dos «Boracos»
Devo hoje pernoitar.

Alli atraz me perdi;
Não sabendo em que altura
Já me ficou a estrada.
Por tanto, queira ensinar-me
O caminho, que servir-me,
Que não tenha mais errada.

Recostado na forquilha,
Qu'a cumieira sustinha
Da cabana no terreiro,
Enfiando um dedo index
Na correia d'alpargata,
Assim fallou-me o roceiro :

« Por sua filosustria
« Da cara de meu patrão,
« Já dei fé que vamicê
« Vem dessas *pavoação* !...

« Que baruio vancê conta
« Dessas amercas de lá ?
« Diz qu'o padre-santo vem
« Bemzendo o povo de cá ?
« Qu'os mação (credo! S. Bento!)
« Não querem se *confessá* ?! »

Imagine o meu leitor
Em que assados me vi
Nas unhas do tal roceiro !
Para fugir do assumpto
Suei mais do que suava
O meu cançado sendeiro.

Até qu'o nosso matuto,
S'affastando da furquilha

Onde estava recostado,
Pela forma que se segue
Se despoz á ensinar-me
O caminho desejado.

Estirando em rumo certo
O grosso labio inf'rior,
Disse: « Patrão, a estrada
« E' por alli, sim senhor.
« Escute bem vamicê
« P'ra mode não se *perdê*.

« Por aqui beradejando,
« O patrão vá s'empurrando;
« Sempre, sempre reparando
« P'ra esta banda canhota,
« Qu'hade vê o *sumitero*
« Do compadre *Dizidero*,
« Matado por seu *Lotero*,
« Nas quebradas d'uma grota.

« Não faça caso da cruz:
« Tire o chapéo—vá passando—
« Freche de ponta n'um morro,
« Que fica alli, s'avistando,
« Até bater co'o nariz
« Bem na frada da raiz.

« Ahi logo o patrão vê
« O caminho que vancê
« P'ra esta banda *trocê*,
« E o morro atraz ficando;
« Descendo n'umas encostas,
« Leve, sempre, o morro as costas,
« Largue as rédeas, de mãos postas,
« Fure o cavallo *no brando*.

« Quando tiver avistado
« Um páo torto derriado,
« Aqui, assim, d'este lado,
« Da banda, que desembesta,
« Vancê repare, patrão:
« Largue o caminho de mão,
« Que não lhe serve mais, não:
« Tome, agora, o páo na testa.

« E passe por baixo d'elle
« Pulando que nem mocó,
« Porque no tronco do páo
« Tem *abeia* sanharó.

« Mas porém, vancê vá dando:
« O páo nas costas levando,
« Não s'importe: vá furando
« Por alli, de ponta ábaixo;

« Afroche o castanh'escuro,
« Que pisa no mole, e duro,
« E leva o dono seguro,
« Até cair n'um riacho.

« Se tiver sêde, dê agua,
« Ao callo, e vá passando
« Que d'outra banda verá
« Uma varêda cruzando.

« Ahi vancê não se areia:
« Deixando cair a peia,
« S'o callo não fracateia,
« Fura chão de caçuada;
« Até, que, p'r'aqui assim,
« Vá reparando um cupim
« Bem na beira do *camin*,
« Que tem marca de chifrada.

« Adiente um bocadinho,
« Vancê vê outro caminho,
« Ao pé d'um jatobasinho,
« Pender p'r'aqui, de repente;
« O patrão deixe a *varêda*;
« Quebre sua mão esquerda,
« Não tem perigo de pèrda,
« Vá rolando p'ra *diente*.

« Vá furando, vá furando,
« Quando subir na chapada,
« Bem no meio do caminho,
« Vancê repare a ossada
« (Fallando com pouco ensino)
« Da brivana da cunhada.
« Que morreu escambichada,
« Nas pernas de seu Rufino.

« Ahi quebre a mão direita
« N'uma varèda apagada,
« S'empurre por ella a arriba
« Até cair na estràda,
« Que é a cuja qu'o patrão
« Deixou p'ra cá da picada.

« Caindo n'este estradão,
« Nem que queira se perder...
« Só a resa de cigana
« Poderá isto fazer.
« Feixe os oios, vá descendo
« Como quem não quer-querendo,
« Escutando os *baco-bacos;*
« Quando o sol for se mettendo,
« Vancê vae, tambem batendo
« Com a testa nos « Boracos. »

Ora leitor, se eu não fosse
Tambem filho do sertão,

Estranhando o sertanejo,
E sua boa intenção,
Ficaria encalistrado,
Co'o pobre homem zangado.

Porém não. Agradeci-lhe
A extensa explicação.
Despedi-me do matuto
Com pezar no coração,
E notando a differença
Do embuste cortezão.

Uma noite de luar

Dislizava o mez d'Agosto,
N'uma tarde prasenteira,
Que só se vê no sertão;
O rei dos astros descendo,
Dourava o cimo dos montes,
E já corria a viração.

No centro d'extensa matta,
Entre môrros escabrosos,
N'um baixão de palmeiral,
A natura, caprichosa,
Formou, como por encanto,
Perenne manancial.

N'aquelle lugar chamado,
Com muita propriedade,
«Olho-d'agua do Caipóra»,
Vencendo grande distancia,
Por ingratas veredinhas,
Eu cheguei n'aquella hora.

Trazia a rêde embrulhada,
Suspensa na carabina,
Que no hombro se firmava;
O facão preso d'um lado,
A patrona na cintura,
Com tudo que precisava.

Escolhendo a posição,
Que melhor me pareceu
Contra o vento do nascente,
Em alto páo subi, logo,
E atei nos galhos fortes
A rêde, mui firmemente.

Pela ponta d'um cordão
Amarrado na clavina,
Que preso aos dentes levei,
Com a devida cautella,
Suspendi a escopeta,
Até qu'o couce alcancei.

E depois, verificando
S'a rêde estava firmada
Com inteira segurança,
N'ella sentei-me de frente
Para o lado da bebida,
Com subida confiança.

Cortei um pequeno galho
Bem forte, bem resistente,
Ao doce alcance da mão,
E pendurei a clavina
Pela correia do couce,
Onde juntei o facão.

Depois, abrindo a patrona,
D'ella tirei um capulho
De secco algodão plumoso,
Que de pressa, escaroçando,
Fiz duas pontas torcidas,
Tendo o centro volumoso.

Atei-o na bocca d'arma,
Do *cabide* retirando-a
Com todo o cuidado e geito,
Apontando-a para baixo
A'fim de certificar-me
S'o *ponto* estava perfeito.

. . . .

Era unica bebida
N'aquella matta medonha,
Que pela secca existia!
Por isso todo animal,
De longe mesmo pasteiro,
Só no «Caipóra» bebia.

Em torno tudo varèdas
Nascidas nos tabocaes,
Convergião p'r'aguada !
Por ellas descião antas,
Onças, pacas, caitatús,
Capoeiros e queixada.

. . . .

Cae a noite : e magestoso
Vi o quadro primoroso,
Que o crepusc'lo produzia !
Lá entre os ramos metido,
Moribundo, amortecido,
S'occultava o rei do dia.

Entretanto, no levante,
Entre a matta verdejante,
No espesso palmeiral,
Da noite o astro se via,
Que pouco, e pouco subia
No espaço sideral.

Já tendo o caximbo acceso,
E meu espirito preso
Em vaga meditação,
Esquecido d'onde estava,
Não via o que se passava
Bem perto de mim, então.

Ouvindo, porém, pisadas
Mui subtis e compassadas,
Que surdião por detraz,
Notei, que, de quando em quando,
Pairava, como escutando,
Grande animal mui sagaz.

Prestando mais attenção,
Conheci, com exactidão,
Ser um immenso viado;
E com vagar me voltando,
A arma fui apontando
Cautelloso, com cuidado.

A proporção qu'as pisadas,
Cada vez mais espaçadas,
De mim mais s'aproximavão,
Meus olhos como cravados
Na direcção fixados,
Nem se quer pestanejavão!

No rosto a arma 'justada,
Co'a pontaria firmada
Sobr'uma fresta qu'havia,
Aonde o astro de prata,
Rasgando os ramos da matta,
Fulgentes raios trazia.

Tendo o dorso abaúlado,
Roliço, e acinzentado,
Como de noite elles são,
Aparece o capoeiro,
Viado sagaz, matreiro,
Boi do pobre no sertão.

Não quiz que perto chegasse
Para que não s'espantasse
Do mais pequeno ruido:
E, desfeixando a escopeta,
Bem na volta da *palhêta*,
Escutei o estampido.

Tudo em baixo escureceu
Pelo fumo que desceu
Da bocca d'arma certeira!
Porém pude distinguir
Agonisante tocir,
Depois de curta carreira.

Fiquei cheio d'alegria
Pela cruel tyrannia,
Que a traição pratiquei...
Depois, tendo carregado
A clavina, com cuidado,
Dentro da rède a botei.

Então de novo accendido
O meu caximbo querido,
Recostei-me á descançar;
Mas, agora, sempre attento,
Ouvindo, a cada momento,
Outro viado pisar.

. . . .

Mas depois d'algum repouso,
Tendo o silencio voltado,
Exp'riente, e avizado,
Sentei-me mui cautelloso.
Tinha sido a lua cheia;
E a estrella—papa-ceia—
(Como diz o caçador)
Já se havia escondido,
Entre as serras se metido,
Onde morreu seu fulgor.

No immenso espaço azul
O sete-estrellos brilhava;
E rijamente soprava
O forte vento do sul.
Altiva a lua attingia
Ao ponto do meio dia,
Meridiano chamado;
E a curuja, piando,
Em zigs-zags voando,
Cruzava o Ceu estrellado.

Depois tudo s'acalmou:
O vento mais não soprára,
Nem a curuja piára,
Nenhum ramo balouçou!
E' nessa hora qu'o mundo,
Entre o silencio profundo,
Me parece um paraizo...
E' no centro do sertão
Que me pulsa o coração,
Qu'a ventura só divizo!

. . . .

Porém quando mergulhado
Em doce e grato scismar,
Ouço nos ares troar
Um rugido desmarcado!
O rouco som, repetido,
Nos baixões repercutido,
Fez-me logo estremecer...
E no primeiro momento,
Só me veio ao pensamento
O desejo de correr.

Foi a primeira expressão,
Que minh'alma exp'rimentára;
Porém, depois, recobrára
Calma, coragem e acção.
Deitei bala na clavina,
Veterana lazarina,

De pedra—mas infalivel—
Redobrando a vigilancia,
Activo, esperei com ancia,
E com prazer indizivel.

Por debaixo—d'ond'eu estava,
Ao sul d'essa bebida,
Uma verèda seguida,
Do lado esquerdo passava.
Verêda aquella trilhada
Pela pata desmarcada,
Qu'eu tinha visto de tarde,
Do tigre, que retumbante,
Agora, pouco distante,
Bramia com magestade.

Precipitada, voando,
Confusa, sem direcção,
Partio lá d'um boqueirão
Certa nambú doudejando.
O perito caçador,
Das brenhas conhecedor,
Não perde um só incidente:
Assim, fiquei avizado,
Qu'o animal esperado
Estava proximamente.

Não se fez muito tardar!
Com lento passo pesado,

Um vulto muito agachado
Vi na verêda assomar.
Era um tigre monstruoso,
D'um escuro tão lustroso,
Quando a lua lh'assentava,
Que lembrei-me, de repente,
Dar a pelle de presente
A' certa moça qu'amava.

Pela cabeça que vi
E desconforme cachaço,
Conheci que era macho,
E rei das mattas d'alli.
De sombra em sombra parando,
A cada passo escutando,
Mais perto de mim chegava;
E co'a maior attenção,
Farejando pelo chão,
Toda moitinha cheirava.

D'arma o estalo *furtei*,
Para que o não ouvisse;
E receiando que sentisse,
A respiração cortei.
A espingarda, em seguida,
Com a vista espavorida,
No negro monstr' assombroso,
Co'a maxima subtilesa
Apontei bem, com firmesa,
No largo lombo lustroso.

Então um raio descendo,
Que a clavina vomitou,
Pelo sertão retumbou
Entre os montes percorrendo.
De faiscas, refulgente,
Envolveu completamente
O negrissimo gigante.
Que, pela bala expellida,
Perdeu metade da vida,
Se debatendo pujante.

. . . .

E quando do meu *sobrado*,
De verdes ramos ornado,
Contemplava, extaziado,
O negro monstro abatido,
A meus ouvidos chegavão
Sons de pedras, que rolavão,
E gritos se destacavão,
Formando surdo ruido!

E o tigre conhecendo
O que da serra descendo,
Aquelle rumor fazendo,
Mais d'elle se achegava;
A' um tronco s'arrastando,
Caindo, e se levantando,
Fortes garras lhe cravando,
Debalde subir tentava.

Duzentos vultos correndo,
Toda a matta revolvendo,
O maior a guia tendo
Por director da manada;
Co'os bacorinhos contentes,
Entre os estalos dos dentes,
Cerdosos porcos valente,
Estacaram na aguada.

Eis qu'o chefe s'espantando,
A dura cerda irriçando,
D'improviso recuando,
Deu um grito de signal;
E sendo comprehendido,
Por todos correspondido,
Por onde havião descido,
Houve carreira geral!

Porém pairão adiante
No morro pouco distante;
Havendo n'aquelle instante
Um silencio admiravel;
Astucia sempre empregada
Pelo valente queixada,
Quando sente na aguada
Um faro desagradavel.

Foi o silencio rompido
Pelo ronco estremecido,

Que deu o tigre aturdido
D'uma queda que tomou.
Pois que, d'esforço dobrado,
Fez um salto exagerado
Sobre um galho derriado,
Que com elle se quebrou.

Como se fosse um trovão
Ao longe, em baixo sertão,
Que soa na occasião
De horrorosa ventania,
Dentro da matta, zoando,
Crescendo, se approximando,
Me pareceu derribando
Tudo qu'em torno existia!

Erão elles—os queixadas—.
Formão columnas cerradas,
Dispostas, disciplinadas,
Investindo ao inimigo;
E este se debatendo,
Bramia feroz, horrendo,
Pois estava conhecendo
O imminente perigo.

Um quadrado ennegrecido
Em torno ao tigre, ferido,
Foi logo estabelecido
Com a maior promptidão;

E mais, e mais s'apertando,
Foi pouco, e pouco feixando,
Envolvendo, e sepultando,
A féra, na escuridão.

Vi um combate horroroso!
D'um inimigo poderoso,
Valente, agil, forçoso,
Mas sem poder se firmar,
Contra muitos, valorosos,
Reunidos, numerosos,
—Os queixadas rancorosos—
Que tentavão se vingar.

Faiscas phosphorescentes
Se desprendião, luzentes,
Pelo atrito dos dentes
Da multidão de queixadas,
Que, se pouco recuavão,
De novo s'arremessavão,
E de furor redobravão,
Rasgando o tigre a dentadas.

Este, porém, corajoso,
Imponente, magestoso,
Resoluto, caprichoso,
A grosso tronco apoiado,

Se, com as garras potentes,
Alcançava os combatentes,
Um d'elles trazia aos dentes,
O deixando esmigalhado!

E só com simples patada,
Com força desmensurada,
No inimigo empregada
Com todo o vigor da mão,
Fazia-o rolar gritando,
Nos outros encontrando,
Todos ia derribando,
Em completa confusão.

Eu estava arrebatado
Em minha rêde sentado,
D'est'arte, salvaguardado
De todo e qualquer perigo;
Mas, com tudo, m'espantava
Dos roncos qu'a onça dava,
Porque o páo vacillava
Para quebrar-se comigo!

Porém o tigre cançado,
Tendo muito pelejado,
Com o corpo retalhado
De mais de mil *coteladas*,

Apenas baixo rosnando,
Como ainda protestando,
Moribundo, estribuchando,
Rolava entre os queixadas,

E estes, se reunindo,
Julgaram o combate findo;
Sómente, agora, s'ouvindo
Os bacorinhos gritarem,
Qu'extraviados do bando,
Ião correndo, saltando,
Entre as moitas, doudejando,
Até as mães encontrarem.

. . . .

E quando a lua escondeu-se
Entre a matta verdejante,
Grata aurora, em rumo opposto,
Appareceu radiante;
E o jacú, gargalhando,
Batia as azas voando;

Então desci da espera,
Com a clavina segura;
E, por cautella, tambem,
Puz o facão na cintura.

Havia em roda da fera,
Qu'eu olhava admirado,
Oito queixadas cahidos,
Cada qual mais mutilado!
Porém o couro do tigre
Não servio... Fiquei logrado.

. . . .

Agora, caro leitor,
Depois de tudo isto dito,
Vos affirmo: o facto deu-se;
Mas, p'ra ficar mais bonito,
Enfeitei-o á minha vontade,
Porém no fundo, ha verdade.

Este mundo é um rebolo

(CHULA PARA VIOLÃO)

E' um rebolo este mundo:
A manivella—o dinheiro;
Os homens, amoladores,
Trabalhão de *coteleiro*.

Principiando do alto,
Do Chefe d'esta Nação,
Vè-se o mestre director
Nas artes d'amolação.

Contra-mestres no officio,
Ministros, seus delegados,
Que amolão todo mundo,
Mas tambem são amolados.

Os juizes preguiçosos,
Nos dias de audiencia,
Dos empregados e Partes,
Amolão a paciencia.

O astuto advogado,
D'accordo co'o escrivão,
São perfeitos no officio,
Ou arte d'amolação.

Nas thesourarias publicas,
E n'outras repartições,
Em cada banda s'encontra
Um *masso* d'amolações.

Nas boticas, nos hoteis,
E no commercio em geral,
E' um freguez amolado
D'uma maneira fatal.

Na tribuna o deputado
(A custa do seu dinheiro)
Com a lingua de ferrugem,
Amola o mundo inteiro.

E no pulpito sagrado
O vigario ignorante,
Com pragas e maldições
Nos amola a todo instante.

Deixando de parte, agora,
As publicas amolações,
Vamos na vida privada
Vêr maiores fricções!

O velho pae de familia,
Pelos annos alquebrado,
Tendo filhas bonitinhas,
E' toda noite amolado...

Vem o marido mais tarde,
De qualquer occupação,
E no corredor da casa
E' segura a amolação...

Se por mais inf'licidade,
Tiver sogra o desgraçado,
Pode contar, como certo,
Ser toda vida amolado.

As visitas repetidas,
Sem motivo imperioso,
São amolações tremendas,
D'um caracter perigoso.

O rapaz, que n'uma *roda*
Quer passar por sabichão,
Sendo tolo, ignorante,
Amola com perfeição.

E aquelle que namora
Por passa-tempo somente,
Sem ter em vista casar-se,
Amola perfeitamente.

E toda moça no baile,
Que se faz muito rogar,
Se pedindo uma quadrilha,
Sabe tambem amolar.

Ainda aquella, que tem
Dez e doze namorados,
Jurando firmesa á todos,
Traz elles bem amolados.

Toda velha rabugenta,
Por demais conversadora,
Pretenciosa a namoro,
E' tenaz amoladora.

Tambem o velho que traz
Preto bigode pintado,
Amola as moças bonitas,
Suppondo ser namorado!

Sendo assim o mundo todo
Composto d'amoladores,
Eu tambem vou, por meu turno,
Amolando aos meus leitores.

Carta á redacção do "Telephone"

Meu amigo Redactor!
Vou contar-vos a historia,
Que me gravou na memoria
Certo infeliz eleitor.
Não era conservador,
Nem liberal extremado:
Homem calmo, moderado,
Em seus actos reflectido;
Da fortuna desvalido
Era sim · porém honrado.

Na vespera da eleição,
Proximamente passada,
Quando ia ser travada
Do interesse a questão,
Apparece um figurão,
De mui alta jerarchia,
Onde o pobre residia
Esquecido, humildemente,
E, o saudando contente,
Lhe diz: « Amigo, bom dia!

« Tome, receba este abraço...
« A familia, como vae?
« Fui amigo de seu pae,
« E por você tudo faço.
« Encontrei grande embaraço
« Hontem, quando aqui cheguei.
« A todos eu perguntei
« Onde a sua residencia!
« Afinal, tendo sciencia,
« Para vel-o m'apressei.

« Sem ceremonia... à vontade...
« Não sou homem de etiqueta;
« Nem meu genio se ageita
« A fôfa formalidade.
« Demais, se tendo amisade
« Sincera, sem interesse,
« Aquella desapparece
« Dando lugar a franquesa,
« E de noss'alma a grandesa
« Ainda mais reslpandece. »

Com semelhante honraria,
O eleitor sorpr'hendido,
Desconcertado, abatido,
O que dizer não sabia.
Perplexo permanecia,
Boquiaberto, pasmado,

Da propria falla privado
O pobre homem se vira!
Pois o choque que sentira
O deixára fulminado.

Porém, passado o momento
Da cruel perturbação,
Succedeu a reacção,
E a calma teve assento.
Sem penetrar o intento
Do visitante alludido,
Agradeceu, commovido,
« A summa *dilicadesa*,
E requintada finesa,
Qu'ora havia recebido».

Trocados os cumprimentos,
Que ficão mencionados,
Em bancos desmantellados,
Tomaram, ambos, assentos.
Pois nos pobres aposentos
Dos jurados-eleitores,
Cadeiras, aparadores,
E mais outras trapalhadas
(Com excepções limitadas),
Estão livres de penhores.

—Não tenho a honra, senhor,
De saber com quem me vejo!
E nutro grande desejo...
(Diz, esquivo, o eleitor)
Será... quem sabe?!... o doutor
Fulano da Silva e Tal,
O candidato a Geral,
Dias átraz esperado?
—Um seu amigo e creado
Mui sincero, e cordial.

—Creado seja de Deus,
Tambem da Virgem Maria,
Pois é vossa senhoria
Digno dos olhos seus.
Os merecimentos meus
São tão poucos... Nada valho
Vivo aqui do meu trabalho,
Humildemente esquecido,
Só dos Ceus favorecido,
Onde terei agasalho.

O futuro deputado,
Perspicaz, intelligente,
Comprehendeu, promptamente,
Qu'o momento era chegado.

E, cabalista amestrado
A illudir, sem piedade,
Visou a simplicidade
Do homem com quem tratava;
E tudo quanto notava
Dizia—necessidade—.

S'a eloquencia não poder
Este bruto convencer,
O interesse had'o fazer
Votar em quem eu quizer.
Tem elle filhos, mulher
(Segundo estou informado),
E vive aqui enforcado
Na corda da precisão,
Pois é boa occasião
De ser, agora, «empregàdo».

Assim, disse, intimamente,
O futuro deputado,
«Homem honesto, e honrado»
Como a *prancha* fez sciente!
E usando, incontinenti,
Do ardil, que preparou,
Ao pobre s'achegou,
Assim como o tigre faz:
Subtil, manhoso e sagaz,
N'estes termos lhe falou:

—Caro amigo! Já lhe disse
Que por si tudo farei.
Desponha de seu criado,
Que muito prazer terei.
Fui amigo de seu pae
De quem não m'esquecerei.

Se você está tão pobre,
Infeliz, desprotegido,
E' porque não tem prestigio
O chefe de seu partido,
Ou não lhe dá importancia,
E certo apoio devido!

De tudo estou informado,
Quanto diz a seu respeito.
Sei que muitas injustiças
O seu chefe lhe tem feito!...
Sendo assim, porque rasão
Acompanha tal sujeito?!

Sei qu'amanhã vae votar
N'esse partido adverso,
Inimigo do Monarcha,
Da patria e do progresso!
Qu'o Pacto Fundamental
Quer romper—vel-o disperso—.

—E' bem certo, seu doutor:
Já fiquei compromettido;
Porque dei minha palavra
Ao chefe do meu partido;
E a muié (minha comadre)
Reforçou mais o pedido...

—Qual empenhos de mulher!
Seja homem pensador,
Olhe qu'o tal seu partido
Não quer nosso imperador,
Revolução insensata,
Peste e fome, sim, senhor!

—Destas coisas não entendo,
Seu doutor: não sei mentir...
Me promettem certo arranjo
Quando a politica subir.
Elles mesmo m'off'receram,
Sem eu nada lhes pedir.

—Pois você inda confia
Em promessa d'essa gente?!
Não acredite em patranhas:
Seja discreto e prudente.
Se algum dia subirem,
Tratarão de si, somente.

Olhe, amigo, venha cá :
E' você artista honrado;
Porém pobre, sem recursos,
De familia carregado.
Não quero sair d'aqui
Sem o deixar empregado.

E batendo levemente,
No hombro de seu amigo,
Lhe disse : « Porém eu conto
Que tu votarás comigo. »

—Eu não posso, seu doutor,
Já estou compromettido :
Minha palavra já dei,
E por ella sou perdido...

—Amigo, quero provar-lhe
Que você vai muito errado !
Não perca a occasião
De ser, a gosto, empregado.

Eu lhe desejo ser util,
E muito bem lh'arranjar ;
Mas você, contra o governo,
Não deve, nunca, votar.

Pois, do contrario, não posso
Exigir do presidente
Favores p'ra um amigo,
Que votou com outra gente.

—Mas a comadre se zanga,
Seu doutor, e com rasão;
Pois meu voto já é d'ella,
Agora, nesta eleição.

—E a sua tal comadre
Lhe fornece o que precisa?
Lhe dá casa p'ra morar,
O pão, a carne, a camisa?

—Não, senhor; mas me promette...
—Qual promessas, meu amigo!
O marido está de baixo,
Mal póde, agora, comsigo.

Eu sou homem do governo,
Amigo do presidente,
E tudo quanto quizer
Obterei, facilmente.

Por exemplo: uma cadeira
De professor, se quizer,
Mesm'outro qualquer emprego,
Que melhor lhe convier.

—Mas dizem, senhor doutor,
Que p'ra ser-se nomeado,
Precisa ir-se a exame,
E ser-se nelle approvado.

Ora, eu sendo ignorante,
Sem ter aprendido nada,
Não posso sair-me bem
De semelhante massada.

—Mas meu amigo ignora
Que estas nomeações,
Não são feitas a quem tem
Legaes habilitações?

Os seus examinadores
Serão especialmente
Escolhidos, nomeados
Pelo nosso presidente.

Lhe darão pontos escriptos,
Rascunho da prova feita...
Exame só p'ra constar...
E' muito facil... S'ageita.

—Mas, seu doutor, inda mesmo
Que eu seja nomeado,
Que diabo ensinarei
Sem nunca ter estudado ?!

—Não dê cavaco com isto :
Vá roendo o seu vintem.
E quantos analphabetos
São professores tambem ?

Seja sempre do governo,
Submisso, até morrer.
S'agarre no ossosinho,
E deixe—o marfim correr—.

—Pois seu doutor, o meu voto
E' de vossa senhoria...
—Oh ! caro amigo ! Outro abraço...
Isto sim : eu já sabia.

E como tenho negocios
Importantes á tratar,
Volto á casa; porém logo
Havemos de conversar.

Na Igreja do Amparo,
Ás horas da eleição,
Estarei, sem falta alguma,
Á sua disposição.

. . . .

E sahio precipitado
O cabalista adestrado,
Limpando o rosto sulcado
Pelo suor que corria,
Deixando vêr, claramente,
A satisfação ingente,
Que no semblante ridente,
De su'alma transluzia.

« Apre! (Diz elle) suei!
« Mas afinal o domei...
« O jumento encabrestei;
« Porém caro me custou! »
E tirando d'algibeira
A volumosa carteira,
Correndo a vista ligeira,
Varias notas consultou.

« Urge o tempo! corre, passa!
(Diz o futuro comparsa)
« Perdel-a! Oh! que desgraça
« Para mim nesta eleição...
« Inda me falta dar palhas
« A muitos d'estes canalhas,
« Eleitores das fornalhas
« Do Saraiva—Cidadão—.»

E o relogio revendo,
Sempre—canalhas—dizendo,
Pelas calçadas batendo
Com os saltos das botinas,
Sempre, sempre murmurando,
Novos planos formulando,
Mais o passo 'celerando
Das ruas dobrava as quinas.

. . . .

Correu o pleito renhido:
E o voto promettido
Pelo basbaque eleitor,
Fez passar pela tangente,
Ganhando por—um—sómente,
O nosso astuto doutor.

De *amigos* rodeiado,
Com estrondo festejado,

Por cem mil aduladores,
Entre bailes e banquetes,
Musicas, brindes, foguetes,
E presentes de valores.

Alguns dias se passaram
No lugar onde luctaram
«Os interesses da vida» ;
E com diploma, orgulhoso,
O doutor victorioso,
Se achava de partida.

O pobre eleitor, coitado,
Para se fazer lembrado
Resolveu-se procural-o ;
Mas, que desgraça ! Debalde !
Quer de manhã, quer de tarde,
Que esperança encontral-o !

Até qu'o tal deputado,
De graúdos acercado,
No vapor qu'as ordens tinha
P'r'o lado do Maranhão
Embarca, c'ostentação,
Lhe deixando esta cartinha :

« Senhor Fulano de Tal!
« Fui muito mal succedido!
« Nada pude lh'arranjar
« Acerca do seu *pedido*,
« Porque—diz o presidente—
« Que já'stá compromettido;

« Qu'outras vagas não existem,
« Nem sabe quando haverão;
« Que, além disto, o senhor
« Não tem habilitação
« P'ra exercer um emprego
« Da mais baixa gradação.

« Em vista disto, já vê,
« Que devo ser desculpado;
« Sentindo, sinceramente,
« Não lhe deixar empregado.
« E desponha, como d'antes,
« De seu amigo e criado. »

Quando chegou n'este ponto,
Meu carissimo Redactor,
Deu um suspiro maguado,
O nosso pobre eleitor.

E depois, acrescentando,
Com certo tom d'amargura:
« Fiquei mal com a comadre,
« Além da descompostura...

« Mas, agora, quando houver
« Outro *rolo* d'eleição,
« Eu saberei me haver
« Com mais tino, e precaução...
« Sem amigos, sem emprego,
« Porém valeu-me a lição. »

Um ajuste de casamento

(N'UM SERÃO DE FARINHADA)

Tu, leitor, s'és da cidade.
Alheio a filicidade,
Que se gosa no sertão,
Vaes uma scena assistir,
Em que pode consistir
O viver do coração.

Dá-me teu braço amistoso:
Verás quanto é venturoso
Nosso matuto roceiro,
Sentindo no rude peito
O dulcissimo effeito
De grato amor verdadeiro.

Vaes notar a differença,
Que disparidade immensa
Do casamento forjado
Pelo mais vil interesse,
Que na cidade se *tece*,
Quasi sempre desastrado...

Não te zangues. A franqueza
De tudo qu'a natureza
Bondosa me offertou,
E' a qualidade innata,
Que minh'alma mais acata,
Da qual mais se orgulhou.

. . . .

Nas mattas do Piauhy
E margens do Parnahyba,
Muito longe de cidade,
Existe um certo lugar,
Pela pobresa habitado,
Que se chama—Solidade—.

E' lá, meu caro leitor,
Que pretendo te levar
Por entre a matta, sombria,
Provando-te, que no mundo,
Neste cháos de maldições,
Ainda existe alegria!

. . . .

Era noite de serão:
Na casa do Zé da Matta
Tinha grossa farinhada;
Em derredor, meia legua,
A visinhança roceira
Foi p'ra ella convidada.

No centro do mandiocal,
Aberto rancho de palhas,
Occulto nas mamoneiras,
Era claro, illuminado
Pelas chammas crepitantes
De duas ou trez fogueiras.

Ligeiro o rodo percorre
Sobre o forno fumegante,
Impellido com mestria,
Pelo braço de João Bento,
Conhecido entr'os roceiros
Pelo tio—«João Quadria»—.

Uma mulher quarentona,
Junto d'um coxo sentada,
Tendo nas mãos a peneira,
Se remeche, diligente,
Sacudindo a urupêma,
E separando a crueira.

Na tacaniça do rancho
Sibilla a roda cortante,
Sobr'os eixos discorrendo,
Entre os pulsos vigorosos
De dois roceiros robustos,
Na matraca rebatendo.

No banco do cevador,
Orgulhosa do trabalho,
Naturalmente escanchada,
Uma matuta gorducha
Applica no caitatú
Grossa mandióca raspada.

Grita a raiz comprimida
Sob os dentes da rodeta,
A seiva longe esguichando;
E chove a massa gommosa,
Entr'as esteiras do cocho,
Alvas columnas formando.

A cevadeira reclama
Outro côfo de mandióca,
Que nas pernas agasalha,
Tendo, antes, o cuidado
De arranjar sobr'as cõxas
As dobras d'uma toalha.

Entretanto, os puchadores,
Deixando, por um momento,
O ferreo veio da mão,
Limpão bagas de suor,
Amarrando na cintura
A camisa d'algodão.

Grande tulha de raizes,
No centro do ranchosinho,
Se eleva á cumieira,
Reforçada pelos cofos,
Que se despejão, cantando,
Conduzidos na carreira.

Velhos, moças e rapazes,
Sem ordem, sem distincção,
Alli, em roda, sentados,
Sob apostas innocentes,
Raspão mandióca ligeiros,
Com seus quicés amolados.

D'um lado, n'umas gamellas,
Trez mulheres occupadas,
Com os braços seminús,
Em tirar a tapióca,
Espremendo a fresca massa,
Para fazer os *bijús*.

No terreiro, bem varrido,
Sobre a branca, e fina areia,
Pela lua prateada,
Os meninos, reunidos,
Brincão no «João-Galamarte»,
Em confusa gargalhada.

. . . .

Eis o quadro, meu leitor,
Que apresento, fielmente,
A teus olhos pouco afeitos
A essa vida innocente
Do matuto, honesto, honrado,
Que trabalha no roçado.

Porém, se nelle encontrares
Lacunas, ou reticencia,
Tu poderás retocal-o
Co'o pincel da intelligencia...
Mas vamos, attentamente,
Ouvir toda aquella gente.

. . . .

Elles alegres conversão
Em completa liberdade:
Os velhos contão *bravatas*
Do tempo da mocidade,
Revendo o livro mofado
De seu saudoso passado.

As velhas pitão caximbo,
Pelo canudo babando,
Alludindo certos factos,
A seu modo os enfeitando,
Com restos de garridice,
—Estrebuchos da velhice—

As moças, aproveitando
O calor da discussão,
Baixo criticão das velhas,
Surrindo com discrição.
E trocão apaixonados
Olhares, co'os namorados.

Conversão sobre caçadas
Os rapezes caçadores;
Sobre derribas de roças
Os que são mais lavradores,
Censurando os preguiçosos
Em bons termos, decorosos.

Os puchadores da roda,
Já dez bancos desmancharam;
E pedem muda p'r'os veios
Qu'ha pouco tempo deixaram.
Por seu turno, a cevadeira
Cede o banco á companheira.

A mulher da urupêma,
Com as que espremem massa,
Reprehendem o forneiro,
Ralhando contra a fumaça.
E este, por contra-senha,
Se desculpa com a lenha.

Os meninos, despresando
O veloz *João-Gualamatos*,
Na «mancha do muçambê»
S'escondem lá pelos matos,
Deixando cá no terreiro,
Quem ficou prisioneiro.

. . . .

Assim, meu caro leitor,
Vae a noite, com prestesa,
Suave se deslizando
No leito da natureza,
Sem que alli se maldiga
O trabalho, que fatiga!

Vê tu quanta differença
Dos homens lá da cidade!
Que nas *têtas* do Thesouro,
Té mesmo a saciedade,
Sugão, qual immenso polvo,
O suor do pobre povo.

E nas casas do governo,
Que se diz—repartições—,
Nas horas d'expediente
(Com devidas excepções)
Recebem todas as Partes,
Com *tiros de bacamarte!*

. . . .

Mas deixemos as miserias
E defeitos desta gente:
Prestemos noss'attenção
Ao grupo, novamente,
Dos roceiros, na latada,
No *serão* da farinhada.

—Alli vem gente, compadre!
(Diz a Joanna-Lavadeira)
Ouvi, bem, mechê nos páos,
Na passagem da porteira...
—Hade ser a meninada
Na constante brincadeira.

Neste momento, os caxorros
Partiram todos, ladrando,
Em direcção da porteira
Qu'a velha estava indicando.
—Olhe, compadre! Eu não disse,
Que vinha gente chegando?

—Caxorrinhos! 'stão damnados!
(O Zé da Matta bradou)
—Deixa, seu Zé, os bichinhos...
Quem sabe algum malfeitô...
—Minha vea, quem não deve
Só teme a Nosso Senhô».

Os cães, porém, neste instante
Calaram-se de repente,
Grunhindo, de certo modo,
Festejando alegremente:
« E' pessoa conhecida »,
Diz Zé da Matta, contente.

No grupo dos raspadores
Os quicés emmudeceram;
E as vistas curiosas,
Pelo trilho s'estenderam;
E os caximbos das velhas
Dos queixos se desprenderam.

Mas quem de parte estivesse
Prestando mais attenção,
Notaria no semblante
De Maria da Conceição,
Certo mixto d'esperança,
De prazer, de afflicção.

Er'uma linda matuta
De contornos elegantes;
De cabellos corredios,
Pretos, longos, abundantes;
Cor morena, encantadora,
Olhos negros, scintillantes.

Filha de seu Zé da Matta
Com sua cara metade,
(Que ficaremos sabendo
Chamar-se Felicidade),
Era a moça mais querida
Qu'havia na «Solidade».

Ella, com terna expressão,
N'um sorriso venturoso,
Com os labios entreabertos
E tendo o peito ancioso,
Deixava os olhos cravados
No caminho tortuoso.

«Ah!... elle mesmo!... Meu Deus!»
Murmura ella, corando.
E como qu'arrependida
Abaixa a vista scismando.
Por disfarce, ou distracção,
Simula estar trabalhando.

Effectivamente alli,
Transpondo o limpo terreiro,
Aproximou-se da roda
Um *typo*, andando ligeiro,
Que, pelo trajar singelo,
Se via qu'era roceiro.

Rapaz robusto, fornido,
De raça serrana pura,
Quasi imberbe se mostrava,
De regular estatura;
De sympathica presença,
Qu'indica n'alma doçura.

Trajava chapéo de couro,
E camisa d'algodão,
Ceroula do mesmo panno,
Alvas sem comparação;
Na mão direita um *quiri*,
E na cintura um facão.

De pernas arregaçadas,
Peito aberto, e pé descalço,
Deixava se perceber,
Pelo seu desembaraço,
Que era amigo da casa,
Onde não deteve o passo.

—Deus vos salve, meus senhores!
E senhoras em geral...
—O mesmo Senhor lh'ajude,
Seu Mané... Té qu'afinal!...
—Mais vale tarde, que nunca...
—Gente!... já viram! Que tal?!

—Não faltei minha palavra:
Tardei por certa rasão...
—Não dê *paias*, Manesinho:
São gracejos do *serão*.
(Disse, rindo, o Zé da Matta)
Chega em boa occasião.

Aqui já tinhão tratado
De seu nome, reparando...
Mas eu disse, que você
Quando tarda—vem chegando—;
Que sendo um *home* de bem,
Não deixa ninguem chorando.

—Muito obrigado, seu Zé...
—Não precisa brigá, não:
Se você fosse safado
Eu dizia: pois *antão!*
Mesmo na rosca da venta,
Em qualquer occasião.

—Seu Mané da Baixa-Fria,
Venha p'ra cá s'arrastando...
(Dizem os homens do veio,
Em altas vozes gritando)
Ha muito que nós estava
Por vamicê suspirando.

«—Já vou... esperem... já vou»,
Respondeu com cortezia,
Fitando os olhos, risonho,
Na seductora Maria,
E lhe fazendo um signal,
Que só ella o entendia.

E logo, seguidamente,
Tira a camisa, tambem,
Amarrando-a na cintura,
Sem licença de ninguem,
Deixando, no largo peito,
Se vêr a força que tem.

Depois, chegando-se á roda,
E fallando aos puchadores,
Bradou, esfregando as mãos:
« Um seu criado, senhores!
« Gritem por meu companheiro
« D'entre aquelles raspadores. »

—O' seu Joaquim da Dominga!
E' hoje chegado o dia
De você baixar a grimpa,
Com que sempre desafia.
Olhe, não passe vergonha,
No meio da moçaria.

Então, por alguns momentos,
A matraca se calando,
Novos actores na scena
Forão se apresentando;
Até mesmo a cevadeira
Por Maria foi chamando.

Mostrou-se esquiva, porém,
A formosa Conceição;
Mas seu pae lh'observou:
« Minha fia, isto não!
« Quem se troce ao serviço
« Não tem boa criação.»

Acanhada vem a moça
Sentar-se no cevador;
Mas só Deus sabe o prazer
Que lhe causava o amor,
Tendo de frente, bem perto,
O seu anjo encantador.

Uma das velhas rosnava
Entr'as outras, cuxichando:
« Comadre, você'stá vendo
« Como o mundo vae rolando?
« Credo! Sam Bento! Abrenuncio!
« Por isso estamos pagando...

« Sêcca, peste, todo dia
« De castigo ! Pois *antão ?* »
E nisto, enchendo o caximbo,
Que tinha preso na mão,
Soprando para accendel-o,
Cuspia todo o tição.

. . . .

Então os dois *pariceiros*,
Iguaes nos veios pegando,
A principio lentamente,
A roda forão girando,
E a matraca lambia
Os raios d'ella, contando.

Pouco e pouco foi subindo
A roda, em velocidade,
Mais impulso recebendo
Nos veios, com igualdade,
Sem decidir-se quem tinha
Mais pulso e agilidade !

Dois partidos se formaram
Em torno dos puchadores;
Ambos estes recebendo
Estrepitosos louvores,
Entre gritos e risadas,
De seus admiradores.

—Não tem nada, Baixa-Fria!
(Diz o Chico Boqueirão)
Achaste a forma do pé,
Bainha do teu facão...
Joaquim, segura a ceroula
No derradeiro botão!

—Eu aposto dois bijús
Da banda do Manesinho...
—E eu cá, pelo Dominga,
«Quebro as unhas no caminho.»
De serviço *aparo* um mez,
Na broca do meu visinho.

. . . .

Decorreu-se meia hora
Em completa indicisão,
Sem saber-se quem melhor
Tangia o veio na mão:
Tanto no *pucha-macaco*.
Como no *quebra-mourão*.

Depois o Manoel-Baixa-Fria,
As mãos nos veios juntando,
Mordendo o labio inf'rior,
E corcunda levantando,
Deu tal impulso na roda,
Qu'o Joaquim pasmou, olhando.

Bancos, mourões e travessas,
Tudo, tudo estremeceu!
E a matraca de couro
Não tocou: emmudeceu!
E todos, a um só tempo
Gritaram: «Cabra, valeu!»

Joaquim Dominga, entretanto.
Carrancudo procurava
Debalde, pegar no veio,
Que invisivel passava.
E no semblante, o rapaz
Sério dispeito mostrava.

. . . .

E por entre gargalhadas
Dos roceiros, em geral,
O pobre Joaquim sumiu-se
No meio do mandiocal;
E não mais appareceu
No «serão do farinhal.»

. . . .

Quando a purpurina aurora
O seu manto desdobrou,
E a brisa, perfumada,
No ambiente passou,
O serviço do serão
No ranchinho s'ultimou.

Então Manoel-Baixa-Fria,
Sua camisa vestindo,
Tendo limpado o suor,
Disse baixinho, surrindo:

E' agora, Mariquinha,
Qu'eu te faço o promettido:
Minha jura vou cumprir,
Dos anjos favorecido.

—Seu Zé da Matta, diz elle,
Eu tenho um particular,
(Com licença dos senhores)
Com vancê para tratar.

—Estou prompto; Manesinho...
Que diabo será isso ?!
Quererá você propor-me
A troca d'algum serviço ?

—Mais ou menos... quasi acerta!
—Pois vamos entrar no *brêdo*,
Porque, lá diz o ditado :
Para negocio—o segredo.

E por detraz das fornalhas,
Debaixo das mamoneiras,
Tomando immensa pitada
Nas ruidosas *sorvedeiras* :

« E então, meu rapazola,
Que negocio é este assim?!
Amodes qu'estás tremendo!
Será mêdo do Joaquim?!»

—Não senhor: só tenho mêdo
De a nosso Deus offender,
Ou da benção dos meus velhos
Um dia não merecer.

De nada mais eu receio
(Só reservo a prisumpção)
Mas porém tenho vergonha...
E não é p'ra menos, não!

—Pois desembucha, rapaz;
Não ha motivo p'ra tanto!
Não mataste, não roubaste,
E guardas o dia santo.

O moço, baixando a vista,
Pesando cada expressão,
Gaguejou: « Seu Zé da Matta,
« E' chegada a occasião...

« Vim lhe pedir sua fia
« Para comigo casar;
« Isto se for de seu gosto
« E vamicê queira dar. »

—Menino, cá de meu lado,
Eu não boto impedimento.
Sei quant'és trabalhador,
E de bom procedimento.

Mas tu sabes s'a menina
Te quer bem, no coração?
Se quer casar-se comtigo?
E teus paes consentirão?

—De meu pae, mais da mamãe
Tirei licença de tarde:
E a respeito da moça,
Vou lhe fallar a verdade:

Ha muito que nos queremos
Deveras, no coração...
Desd'o anno retrazado,
Na panha do algodão...

Vancê deve se lembrar
Do serviço, que lhe fiz,
Nesse anno. Por signal
A lua foi até—criz—.

Eu inda era frangote,
E ella era franguinha,
Quando juramos, os dois,
Ser eu d'ella, e ella minha...

—Ah! malandros! Vejão só!
E eu feito um *paspaião!*
Mesmo atiçando vocês
P'ra este tanto... «—Perdão:

Quantos mais dias passavão,
Mais amisade crescia!
Eu não gosava socègo,
Quando longe de Maria.

Porém guardando segredo,
Trancado no coração ;
E o mesmo reservava
Maria da Conceição.

Mas esperei a colhêta
D'este anno, que foi boa,
P'ra não metter sua fia
Em meu rancho, assim atoa.

. . . .

Agora, já vê, seu Zé,
Que, por parte da Maria,
Não pode haver imbelêco,
Porque ella já sabia... »

—Sim, sinhô : mas você sabe
Qu'isto é coisa muito fina...
Só nós apalpando a vea,
Que nos pario a menina...

O' minha vea ! chegue cá,
E venha mais a Maria.
—Arre ! seu Zé ! Que segredo
Nós *tem* com tamanho dia ! !

Vamos, menina, teu pae
Está hoje com massada...
Que novidade, seu Zé?
Nossa broca foi queimada?

«—Minha vea, Manesinho,
Quer se casar co'a Maria:
E eu não quiz dar—o sim—
Sem saber se tu *queria.*»

A velha Filicidade,
Com voz pausada, tremente,
Entrecortando as palavras
Com accênto—o mais pungente;

Envolvendo em terno olhar
Sua filha estremecida;
Depois fitando Manoel,
Gravemente resentida:

« Antonce, seu Baixa-Fria,
« Só veio aqui nº serão
« P'ra matar, sem mais nem menos
« Minh'alma, meu coração?!

« Que mal lhe fiz ?... Me responda !
« Vae roubar-me, assim, a vida,
« M'arrebatando dos braços
« Minha filhinha querida ?!

« E tu ingrata ! tyranna !
« Trocaste o amor materno
« Por outro amor... *Certamente*
« Mais doce, mais firme e terno ?!

« Oh ! meu Deus ! Cruel tortura
« Soffre uma mãe neste instante !...
—Deixemos d'essas lamurias,
Minha vea : não s'espante.

Vamos, menina... Mas tu
Tás ahi, que nem biata !
Falla com a bôcca : tu queres ?
Anda depressa, desata. »

E a moça, lacrimosa,
Cravando os olhos no chão,
Balbuciou, soluçante,
Com humilde entonação :

« Se papae mais a mamãe... »
—Já sei: é coisa estudada.
Quer casar. Pois bem, se casa :
Não precisa de zoada.

Na primeira desobriga,
Que seu vigario *fizé*,
Este será teu marido,
E esta sua *mué*.

E' assim, não minha vea ?
Tu não combinas comigo ?
—Seja a vontade de Deus :
E' tudo quanto lhe digo. »

. . . .

Quando as ultimas palavras
Da velha forão morrendo,
No horisonte, surrindo,
Foi o sol apparecendo,
Por entre as flores surgindo.

Depois o velho, voltando,
Para junto dos roceiros,
Entr'os seus trez companheiros,
Com quem esteve fallando,
Gritou altó, s'orgulhando :

« Saiba Deus e todo mundo
« Presente neste serão,
« Que, na santa protecção.
« De nossa Virgem Maria.
« Vae ser Manoel-Baixa-Fria
« Marido da Conceição. »

. . . .

Agora, leitor, me dizes,
Se, assim, taes casamentos,
Inda que, por pensamentos,
Poderão ser infelizes ?

A maldita quebradeira

Se ha inferno na vida,
Antes do homem morrer,
S'existe acerbo soffrer,
Antes da morte temida;
Se noss'alma é constrangida
A mergulhar na caldeira
Fervente, na tal fogueira,
De que falla a tradição,
E', com toda a precisão,
A maldita quebradeira.

Só quem anda *rebentado*,
Ou quém por isto passou;
Que sendo pobre, ficou
Na rua, desempregado,
Pode já ter mastigado
A casca de páo-pereira,
Quina-quina verdadeira,
E batata de babosa,
Sabendo quanto é *gostosa*
A maldita quebradeira.

Febre amarella passando,
Colera-morbus, morphéa,
Bexiga, typho, diarrhéa,
Pelas ruas assolando,
Nunca terror vão causando
Entr'a humanidade inteira,
Como produz a *ciseira*
Do pobre homem quebrado!
Traz todo povo assombrado
A maldita quebradeira.

Os amigos *dedicados*
D'outro tempo mais filiz.
Torcem, agora, o nariz
Quando nos sentem quebrados.
Se mostrão desconfiados,
Se, mesmo de brincadeira,
Dizemos d'esta maneira:
—M'empreste ahi dez tostões—.
Té nos corta as relações
A maldita quebradeira.

Se o *typo* é namorado,
E passa lá pela rua
Da bella menina sua,
De quem era apreciado,
Apenas sendo avistado,
Sae da janella, ligeira,
A formosa feiticeira,
Dizendo mui desdenhosa:

« E' peste contagiosa
A maldita quebradeira».

E no ninho conjugal
A *serpente* penetrando,
Se desenrola, silvando,
Mordendo a paz do casal...
Pelo portão do quintal
Fóge a honra na carreira,
Quando, da porta fronteira,
Penetra no corredor
Um tal espectro d'horror:
—A *maldita quebradeira*—.

S'é homem ambicioso
De gosos materiaes,
Sente as angustias fataes
Do infiliz invejoso.
O prazer do venturoso
Irrita de tal maneira
Su'ambição altaneira,
Que lhe gera mil torturas.
E' causa das amarguras
A maldita quebradeira.

Ao contrario: se elle tem
Alma grande, generosa,
Soffre, inda mais amargosa,
A dor no peito, tambem.

Deseja fazer—um bem—
Abrindo a secca algibeira
A' pobresa soffredeira,
Qu'a caridade mendiga;
Porém males não mitiga
A maldita quebradeira.

Inda sendo comportado,
Bom filho, bom cidadão,
Bom esposo, bom irmão
E bom pae considerado;
Logo que fica quebrado,
Perde a fama, por asneira;
Sem dar causa verdadeira,
E' sevandija, bandido!
Por tel-o, assim, convertido
A maldita quebradeira.

Nem que seja verdadeiro,
E' tido por mentiroso;
Sendo honesto, escrupuloso,
Se tácha de caloteiro!
Emfim, quem não tem dinheiro,
E' feio, tolo, toupeira...
Perde o *ar*, só diz asneira. .
Té perde o geito de andar.
E, jámais, pode occultar
A maldita quebradeira.

Despedida do Piauhy

(EM VIAGEM AO AMAZONAS).

Retirando-me saudoso,
De minha terra querida,
Rompendo os laços mais doces
(Se ha doçuras na vida),
Vou disfirir este canto
De saudosa despedida.

Qual um batel sem piloto,
Que se lança ao mar, sem norte;
Qu'aos ventos abrio as vellas,
O resto deixando á sorte,
Assim, nas ondas da vida,
Vou luctando contra a morte.

Mas caro, bem caro custa,
A' quem tem peito sensivel,
Deixar os lares queridos,
Que ama quanto é possivel,
Para soffrer no estranho,
Magua cruel, indizivel.

Porém tu, fado inconstante,
Que és a trena da vida;
Que sorris quando soluça
De dor minh'alma transida,
Não me farás esquecer
De minha terra querida.

Das verdejantes florestas,
Onde a infancia passei;
Das campinas matizadas,
Onde de tarde brinquei;
E dos humildes regatos,
Cujos gemidos notei;

Do «Chico-preto» saudoso,
Que lá na moita cantava,
Na florída ribanceira
Da corrente, que passava;
D'aquellas notas sublimes,
Qu'aos meus suspiros juntava;

De tudo, sim, quanto guardo
No meu triste coração,
Afagarei na memoria
Immortal recordação...
E nas cordas d'esta lyra
Acharei consolação.

. . . .

E quando, saudosa terra,
Dos mares não t'avistar ;
Quando o sol no seu zenith
Nas ondas se mergulhar,
Te enviarei um suspiro
Pela brisa, que passar.

Aos rapazes solteiros

Todo e qualquer casamento,
Sériamente, s'olhando,
E' forca armada, cuidado,
Onde vos vão pendurando.

Ha, porém, muitos systemas
Nos laços do Hymineu,
Que *Brasabús* inventou
Como patrimonio seu.

Por exemplo : o casamento
Com moça muito educada,
Docil, formosa e rica,
De familia respeitada ;

Virtuosa como os anjos,
De voz terna, doce e lêda,
E' forca bem preparada,
Que tem a corda de sêda.

Menina, pobre e bonita,
Meiga, singela, innocente,
Que captiva o coração
D'um rapaz inexp'riente:

Tem a corda de croá,
Ageitada para os tolos,
Porque s'enganão creanças
E' com *bananas e bòlos.*

Mas se ella, por ventura,
Tem manhas occultamente;
Que represente uma rola,
Tendo presas de serpente:

Então a corda da forca
E' duro cipó-d'escada,
Que se *quebra*, quasi sempre,
Deixando a *guela sulcada.*

Se a noiva já for velha,
Muito velha, e muito rica,
E' de «paco-paco» a corda:
Não mata, mas mortifica...

Porém, s'a velha for pobre,
Achacada, rabugenta,
Tagarella, caximbeira,
Além disso, ciumenta:

Eis a forca mais horrivel,
Que satanaz inventou:
Pois é d'arame-farpado,
Onde Judas s'enforcou.

Aqui vos deixo esboçadas,
Ainda qu'em longos traços,
As forcas do Hymineu...
Olhem: não caião nos laços.

A margem do Rio Negro

Vem cá, saudosa lyra: dôce enlevo,
De minh'alma desditosa. Tu sómente,
E's a chave d'este peito dolorido,
E suspiras quando choro amargamente.

Não temas, meus amores; tudo dorme!
Ninguem nos ouve. Aqui, na solidão,
Do tosco trovador das patrias selvas,
Soluce a rude harpa—gema o coração—.

Vem! A noite é de luar sereno, e puro;
E os brilhantes do espaço sideral,
Formando caprichoso diadema,
Scintilão neste espelho de cristal!

E' profundo o silencio, que nos cerca!
Alli vejo uma cidade, inda creança,
No verdejante berço da floresta,
Repousada nos braços da esp'rança.

Lá na margem opposta do gigante,
Que resona no leito, magestoso,
Arde o fogo do lar d'um pescador
Mais filiz do que eu—mais venturoso—.

Aqui passão as aguas preguiçosas,
Certamente fatigadas da viagem,
Assim como na estrada d'esta vida
Eu falleço de cançaço, sem coragem...

Como ellas nas areias se dislizão,
E no declive do rio vão descendo,
Eu tambem dos meus lares desprendi-me
A força do destino obedecendo...

Como as aguas murmurantes, e saudosas,
Pelas praias longos beijos atirando,
Minhas auras esperanças me deixaram,
Comtigo, ó terna lyra, soluçando.

. . . .

Basta! basta! companheira de martyrios!
Quem nos bosques cantava alegremente,
Hoje triste, da Patria tão distante,
Succumbe de saudade—a mais pungente.

GLOSSARIO

« O VAQUEIRO DO PIAUHY »

Mez da mutuca—Maio—quando aparece a mosca assim denominada.
Sortes—Partilhas—Bizerros que cabem ao vaqueiro como salario.
Estradeiro—Velhaco, trapaceiro.
Vaqueirama—Corrup. do collect. de vaqueiros.
Beradas—Por beiradas, cercanias.
A segunda é das almas, etc.—Dia aziago.
Infucas—Tentativas de importancia.
Rêgo aberto—Muito gordo.
Sungava—Montava.
Arrenegar—Reprovar, com despreso.
Garupas de capoeiro—Correias compridas de couro do viado d'este nome.
Bacalháo—Chicote.
Liforme—Uniforme.
Em fôlha—Não servido.
Folias—Brinquedos, escaramuças com o gado.
Riscar—Pairar o cavallo, de subito.
Obrigação—Familia.
Vamicê, vancê, suncê—Corrup. e abv. do tratamento—vossa mercê.
Bastião—Abrv. de Sebastião.
Seu—Abrv. de senhor.
Zé—Abrv. de José.
Reimundo—Corrup. de Raimundo.
Cularo—Corrup. de Claro.

Batendo o chifre—Agglomerados.
Tipoia e fiango - Rêde pequena.
Como bizerro engeitado--Barigudo.
Parição—Multiplicação annual do gado.
Estevo—Por Estevão.
Xerem--(Alcunha)—Farellos de milho.
Da nova lei, que botaram—Reforma eleitoral.
Imbilita—Habilita--corrup. do verbo.
Semos—Por somos, corrup. do verbo.
Por cima do gado—A'cerca, com relação, etc.
Rosnar—Fallar baixo. e contrariado.
Antonce—Por então.
Amojada - Muito prenhe.
Amucambada--Matreira, escondida.
Fusca bem azeitona - Quasi prêta, luzidia.
Sedem—Cabellos da cauda.
Cirigada—Pintada, em forma de labyrintho, pela barriga,
Armar a pinheiro—Com os chifres um tanto verticaes, a semelhança da arvore.
Pés calçados - Brancos.
Lisa—Vermelha. do cabello fino.
Levada por cima—Córte na parte superior da orelha, que se faz nos bizerros.
Ponta tronchа—Córte na extremidade da orelha, idem.
Differencia—Corrup. de differença. Divisa do anno em que nasce a rez.
Solteira—Sem filho.
Fronteira Testa branca.
Ponta limpa Chifre já desenvolvido.
Carombosinho—Alejado, torto (chifre).
Mutuqueiro--Collect. de mutucas.
Biscaia, brivana, tijella—Egoa.
Varge—Varzea.
Alvação—Quasi branco.
Estrelo—Com um signal branco na testa
Espaço das armação—Chifres espaçosos.
Infuleimado -Corrup. de inflammado, arisco, sagaz.
Caborge - Feitiço, ou pacto com o diabo.
Anun Certo cavallo d'este nome.
Cabra - Homem disposto, valente, etc.
Brotar--Jactar-se, elevar-se.

Dromi - Dormir.
De cabo-á-rabo—De principio a fim.
Por qui—Por aqui.
Com Deus amanheça--Em paz.
Marroá--Touro.
Gaitiar—Imitar a gaita, mugindo.
Fumos – Fomos.
Cabeça de campo – Mestre dos campos, chefe.
Pança—Barriga.
Batedor—Batedouro, onde reune-se o gado acoçado pela mutuca.
Hora d'almoço-brabo —Alto dia.
Não dar rodeiador - Não consentir sitiar-se.
Bregeira—Masca de fumo, ou tabaco.
U! ou!—Interjeições vaqueiraes.
Fazer mó Reunir-se em redemoinho.
Cabeceiras--Vaqueiros, que se collocão na frente, e dos lados.
Esteiras—Os que se lhes seguem.
Guia—O que marca a direcção, e contêm a carreira do gado.
Couce, e costaneiras—Os que tocão o gado.
Calos--Abrv. de cavallos.
Barbatão – Bizerro grande.
Fubá--De côr branca.
Tapity—Cauda
Cambras do freio—Cernas da brida.
Ferramenta—Esporas.
Trança—Chicote.
Onde a vareja attenta—Na barriga do cavallo, no lugar onde os vaqueiros chamão *fueiro*, a mosca varijeira faz muito damno.
Corda de quandú— Das tripas d'este animal, se fazem cordas para instrumentos, que estirão, ou dão muito —de si—E' a rasão da figura empregada pelos vaqueiros.
Mucumbú—Tronco da cauda.
Fazer parêde—Emparelhar o cavallo com a rez, apertando-a entre dois vaqueiros.
Tarrafiá—Por tarrafiar—Cegar na cauda para derribar.
Talento—Força.
Mocotó—Junta dos pés.

Fazer a mão—Acção de pegar na cauda.
Cair na madeira—Entrar no matto.
Trocada de mororó—Entrelaçada, ou recomposta d'esta arvore.
Entupindo no fundo—Correr muito annexo.
Echos—Gritos.
Brocotó—Ribanceiras e buracos.
Encommendar—Estimular.
Escornar—Cair por cima do pescoço, ficando os chifres fincados no chão.
Aceiro—Trilho, ou aberta, que fica na matta, por onde correm os animaes.
Galopiar—Corrup. de galopar.
Cabra marroeiro—Topador de Touros.
Pereiro—Aguilhada.
Pae-João—Parte posterior da rez.
Adiente—Por adiante.
Tomar a falla—Moderar-se, habituar-se.
Levada—Terreno alto, no campo, colina.
Pisando-se no lombo—Vechada, sofrega.
Portar nas rédias—Segurar, com força,
Mué—Corrup. do substantivo mulher.
Espirrar—Disparar, correr.
Dar mucica—Puchar, de chofre, na cauda.
Estropicio—Feito heroico, cheio de sustos, e prazeres.
Curral do beneficio—Onde se laça, ferra-se, castra-se, etc.
Caco—Mente, ideia, lembrança.
Temperada (a viola)—Afinada.

« DEBAIXO D'UM CRYOLISEIRO »

Baião—Musica popular, executada na viola.
Chorado—Item, Item.
Casa do corra—Do jogo.
Sabão—Azar.
Um gosto—Gratificação.
Na primeira—Sorte do *lasquinet*
Canguçú—Onça pintada.
Capoeiro—Viado grande, das mattas.
Queixada—Porco bravio.

«Sᴺ GONÇALLO NOS SERTÕES»

Surrão de bode – Sacco de couro, que serve de macca, ou malla para roupa.
Trincar—Tinir
Pr'a mode—Para que, para este fim, etc.
Fonção—Funçãó, festa, batuques de viola.
Castanhêta—Castanhola, estallo com os dedos.
Lovar—Louvar, lisongear, elogiando.
Mode coisa—Parece que...
Branca—Cachaça.
Coitê de medida—Pequeno vaso, em que se bebe a cachaça. Feito da fructa «cujúba»
Brazileira—A mesma bebida.
Siá ou sá--Abrev. do tratamento de Senhora.
Cuma—Corrupção do adv. Como.
Desafiar—Cantar ao desafio
Adevão - De batalha, corajoso. etc.
Cão--Demonio.
Em redor—Em torno, em derredor.
Fachiar—Quebrar-se, fazendo achas.
Lobisome--Corrup. de lobishomem.
Varêda—Verêda, trilhos das caças, na matta.
Mesinha--Remedio.
Pracata—Alpargata.
Cascavelinha – Dim. de cascavel.
Nuves—Nuvens.
Porco-espim—Porco espinho, ouriço, *cach.*
Surucucú – Cobra venenosissima.
Acauã—Ave de rapina a cujo canto attribuem máo agouro.

«RECORDAÇÕES DE VIAGEM»

Desapeia—Corrup. do verbo apear.
Filosustria—Physionomia.
Pavoação—Lugar povoado.
Baruio—Barulho. Os sertanejos despresão, em certos vocabulos as terminações em *lh*, e accrescentão em outros, como: *arelha*, *papagalhos*, *melhas*, etc.

Amercas—por America, lugar grande, cidade.
Santo Padre—O Bispo.
Mação—Maçon.
Confessá—por confessar. Não prenuncião os *rr* nas terminações dos infinitos dos verbos.
Estirando o labio inferior—E' costume invariavel, para indicarem direcções, ligando pouco caso as distancias.
Beradejar—Abeirar, margear, contornar.
Canhota—Esquerda.
Sumitero—Por cemiterio.
Dizidero—Desiderio.
Lotero—Eleuterio.
Quebradas d'uma grota—Ribanceira d'um riachosinho, ou vertente.
No brando—Successivamente, sem vexame.
Banda que desembesta—Lado esquerdo.
Abeia sanharó—Abelha, que, accommettendo aos cavallos, os faz desembestar.
Não se areia—Não se perturba.
Chão de caçuada—Muito ou grande terreno; extenção consideravel.
Jatobasim—Dim. da arvore jatobá.
Quebrar a mão esquerda—Tomar esta direcção.
Escambichada—Desquadinhada.
Resa de cigana—Attribuem feiticeria a esta gente.
Baco-bacos—Tropel sonoro do cavallo.

« SERÃO DE FARINHADA »

Serão de Farinhada—Trabalho a noite, no fabrico da farinha.
Crueira—Fragmentos grossos da massa.
Matraca—Pedaço de couro amarrado no banco da roda, de forma que os raios d'esta tocando-lhe, marquem a sua velocidade.
Cevador—Por cevadouro.
Caitatú—Ralo cylindrico, movente.
Cevadeira—Mulher que ceva a mandióca.
Quicés—Pequenas facas.
João-Galamarte, ou Gualamatos—Folguedo de creanças. Tambem chamão—burrica.

Já dez bancos desmancharam—Dez vezes ra!aram as raizes, que comporta o espaço do cevadouro.

Mancha do muçambé Brinquedo da mancha, circulo feito na areia.

Quiri—Cacête.

Rôsca da venta—Na face, sem rebuço, francamente.

Veio—Manivella.

Baixar a grimpa—Moderar o enthusiasmo.

Abrenuncio—Amaldiçoar, com horror.

Antão—Corrup. do adv. então.

Pariceiro—Parceiros.

Quebrar as unhas no caminho—Tudo empenhar, não olhor sacrificios.

Aparar—Fazer paráda, aposta.

Bróca—Primeiro serviço do roçado.

Pucha-macaco, e quebra-mourão—Formas de tanger a roda.

Entrar no brêdo—Occultar-se no mato.

Amodes—Por parece.

Lua criz—Eclypsada.

P'ra este tanto—Para este fim.

Imbelêco—Embaraço, difficuldade.

Lamurias—Lamentações.

INDICE

Herminio de Castello Branco

A Lyra Sertaneja

POESIAS

5.ª EDIÇÃO

CEARÁ—FORTALEZA
EDITORES: MILITÃO BIVAR & C.ª
74, RUA MAJOR FACUNDO—RUA D'ASSEMBLÉA, 37

1905